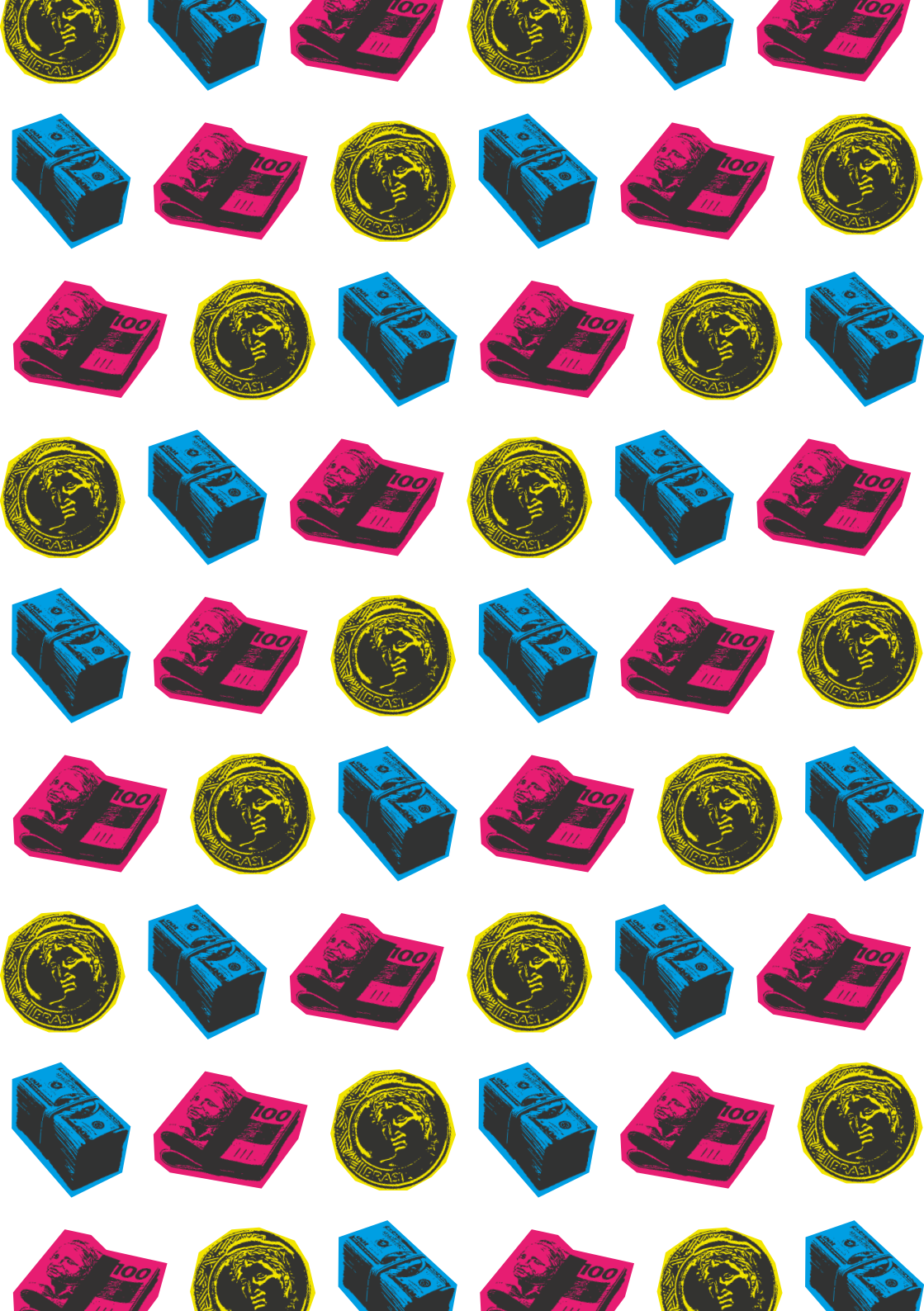




O que é dinheiro, onde ele está e seus impactos no terceiro setor



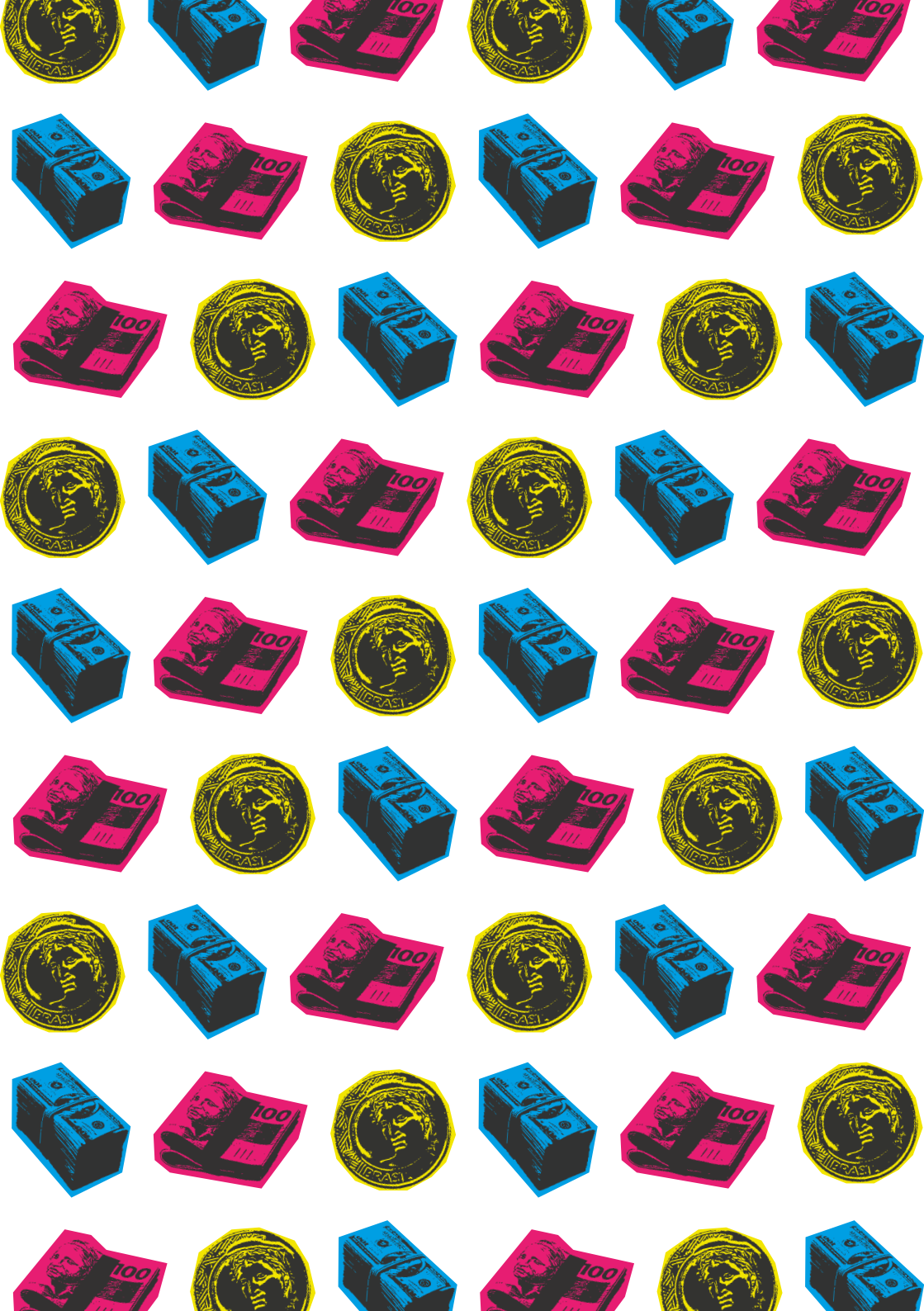




**O que é dinheiro,
onde ele está e
seus impactos
no terceiro setor**

Instituto Incube

2025



Sumário

Introdução	9
I. Reflexões gerais sobre dinheiro	17
1. O que é dinheiro	19
2. Onde está o dinheiro	33
3. Outras formas de usar o dinheiro	51
4. Impacto do dinheiro	59
II. O dinheiro na filantropia	77
5. O desafio da filantropia (e seus desafios)	79
6. Fundos	119
7. Os limites da filantropia e a política	139
III. (In)conclusões	151
8. Fricções	153



Introdução

Por que fizemos?

O Instituto Incube é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que nos últimos anos vem trabalhando com o que chamamos de “infraestrutura” do terceiro setor na tentativa de fortalecer coletivos e organizações de diferentes perfis.

Nossos projetos e investigações se concentram na democratização do acesso a *recursos* da filantropia, entendendo recursos não apenas como dinheiro mas também como informação. Afinal, quem tem dinheiro e informação tem poder.

Se, por um lado, desde 2020 atuamos como *fiscal sponsor* para garantir que o recurso financeiro chegue em mais pessoas e lugares, o trabalho apresentado nesta publicação é fruto (para além da nossa curiosidade) da nossa vontade de prover o campo com informações. O intuito é fazer com que diferentes pessoas possam ter acesso a alguns dados e a refletir sobre o que parece ser o tema central – controverso, escorregadio, poderoso, enganoso, salvador – e tantos outros adjetivos possíveis: o dinheiro. Mais especificamente: o dinheiro no terceiro setor.

Por que esse tema?

É impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é nkali. É um substantivo, que livremente se traduz: “ser maior do que o outro.” Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente.

Chimamanda Ngozi Adichie ¹

1. Chimamanda Ngozi Adichie; O perigo de uma história única. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

A partir das operações de incubação e *fiscal sponsor* do Instituto Incube, observamos a cada ano como instituições, estruturas organizacionais, temáticas, projetos, relatórios, burocracias etc se movimentam de acordo com as flutuações do dinheiro. *Como a discussão sobre recurso estaria mexendo com as subjetividades e os posicionamentos das pessoas no campo da filantropia?* Quanto mais a fundo observávamos e refletíamos sobre dinheiro, mais perguntas surgiam: “Se não houver dinheiro, não há luta?”, “Todo dinheiro ajuda?” “Qualquer dinheiro é sujo?” “É do campo ou dos financiadores que emerge aquilo que deve ser financiado?”, “Por que as organizações têm que apresentar *due diligence*² e os financiadores não?”, “O que se sabe sobre as raivas e frustrações de quem está na ponta?”, “E sobre as dores dos oficiais de programa?”.

Afinal:

O que é dinheiro?

Onde está o dinheiro?

Como o dinheiro movimenta o campo?

Ao estabelecermos as três perguntas como uma possibilidade de nortear as discussões acerca do tema, optamos por colocar em questão a própria ontologia da palavra “dinheiro”, que, como se pôde notar ao longo das conversas, em muitos entendimentos, se apropria (isto é, toma para si indevidamente) da concepção do que é *riqueza*.

2. *Due diligence* é o processo de avaliação e verificação que organizações do terceiro setor passam para demonstrar que são confiáveis, transparentes e estão em conformidade com as leis e regulamentações.

Uma invenção metodológica

Nossa proposta metodológica baseou-se em um conceito oferecido pela professora e psicanalista Suely Rolnik³ de uma pesquisa que considera o rigor *ético, estético e político*. *Ético*, pois não estamos preocupadas com um conjunto de regras a serem seguidas e tampouco com os valores morais ou um conjunto de verdades a serem reveladas. Aqui estamos atentas aos deslocamentos, às escutas da diferença que produzem os devires. *Estético*, quando nos desprendemos deste campo de verdades previamente estabelecidas, abrimos espaço para a criação de um campo, que a partir do método, faz emergir a diferença e a singularidade, assim como uma obra de arte. *Político*, porque é um rigor que nos coloca em movimento, a lutar contra as forças que enclausuram o pensamento e paralisam a ação. A partir destes conceitos, nos propusemos a traçar uma cartografia da grana na filantropia, em três frentes:

- Análise dos dados do Incube – sistematização dos recursos que passaram pelo Incube e como estes se relacionam com financiadores e projetos no tempo, espaço e nas áreas e temáticas favorecidas;
- Análise de pesquisas e relatórios que já foram publicados sobre o tema “Dinheiro no terceiro setor;”

3. Em “Pensamento, Corpo e Devir”, palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, publicada no Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduated de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

- Entrevistas – Conversas com mais de 30 diferentes atores do campo da filantropia e da sociedade civil brasileira.

Aqui apresentamos fragmentos das conversas e entrevistas individuais, rodas de conversa presenciais e virtuais com 32 participantes, incluindo pessoas que ocupam lugares diferentes neste ecossistema denominado terceiro setor, juntamente com pessoas pesquisadoras e consultoras que, ao longo do processo, também foram indicando outras pessoas inquietas com os dilemas e dispostas a ampliar os diálogos.

A cada processo, a cada encontro, íamos repetindo a metodologia baseada nas três perguntas-base, numa repetição que para nós deixava tudo diferente, à medida que, nesta busca por encontrar respostas, encontrávamos problematizações relevantes.

Uma reflexão ativa e questionadora

Durante todo o percurso das entrevistas e da análise dos conteúdos, buscamos não arredar o pé de mexer com temas e vieses delicados. A *pertinência* e *intencionalidade* da pesquisa nos guiaram para uma análise cuidadosa de cada conversa, cada percepção, cada dado. Por isso, a seguir, encontram-se não apenas a documentação do que foi produzido nas escutas, mas também indagações, provocações, críticas e até algumas tomadas de consciência, por meio das “Fricções”.

Na Física, *fricção* significa um ato de resistência ao movimento entre dois corpos em contato. É uma força que atua na direção oposta ao movimento relativo dos corpos e é causada pela interação entre os objetos, superfícies ou corpos em contato.

Para a antropóloga Anna Tsing, autora de *Friction: an Ethnography of Global Connection* (2004), o conceito de fricção foi transposto para uma realidade social e cultural. Tsing chamou atenção para o que hoje pode parecer óbvio: pressupostos analíticos e conceituais sobre a globalização como um processo homogêneo, orientado para o futuro, composto de fluxos, circulações e conexões crescentes, como algo natural, de acordo com seus idealizadores neoliberais da globalização. No lugar da noção crescente de globalização, Tsing propôs falar de composições, deslocamentos, entre agendas e interesses difusos, heterogêneos, localizando dentro deste processo um campo de forças que, apesar de buscar a universalização, é sempre instável.

Inspiradas nesta perspectiva e na crença de manter vivo o movimento do pensamento a partir do tensionamento, de um atrito produtivo, é que criamos as nossas *Fricções*.

Elas estão localizadas ao final do caderno e versam sobre filantropia, dinheiro e democratização da riqueza. Levantam muito mais perguntas do que afirmações.

Desejamos uma ótima leitura, e sigamos em frente com os debates atentas à pista oferecida pelo Mestre:

Nós somos o começo, o meio e o começo.

Existiremos sempre,

sorrindo nas tristezas

para festejar a vinda das alegrias.

Nossas trajetórias nos movem,

nossa ancestralidade nos guia.

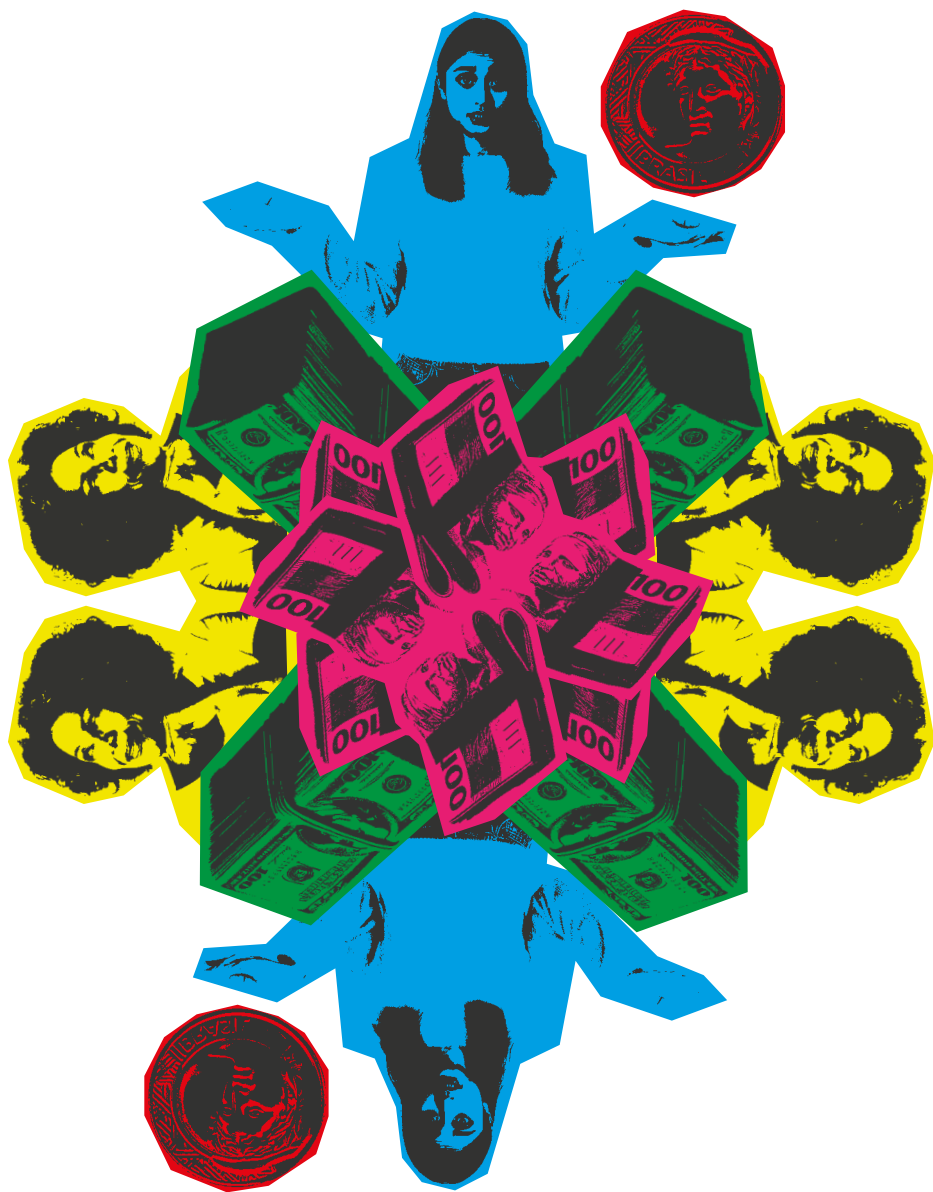
Antônio Bispo dos Santos





Reflexões gerais sobre dinheiro





1. O que é dinheiro

Dinheiro na mão é vendaval, disse o sambista Paulinho da Viola na música *Pecado Capital* (1975). E para você? Qual a melhor definição para dinheiro?

Introdução

1. Muitas são as noções, ideias, conceitos, perspectivas, narrativas, compreensões, acepções, sentidos, significados e até sentimentos atribuídos à questão “o que é dinheiro para você?”. Tantas foram as abordagens que coube a nós simplesmente expô-las e deixar o pensamento transitar pelas linhas.
2. A palavra e a linguagem ganham destaque porque carregam valor, sentido e referência. Dinheiro – para alguns, poder; “ape-nas” dinheiro para muitos outros – é uma forma de expressão existencial e política.
3. O dinheiro é meio, é veículo, é transporte. É matéria prima para o trabalho com aqueles e aquelas que possuem o mínimo. É poder para realizar disputas importantes, para se colocar no mundo, para ganhar representação. Não aparece como finalidade em si mesma em nenhuma situação no mundo da filantropia.

5. O dinheiro é fluxo; parado não rende possíveis.
6. O dinheiro é uma fantasia, uma invenção; é vazio. Só ganha sentido a partir da crença construída e compartilhada no mundo adulto.
7. O dinheiro é violento, causa medo, culpa, distorções.
8. Dinheiro e riqueza são diferentes. Apesar de potencializar a capacidade de aquisição, o dinheiro não pode capturar por completo a natureza, a espiritualidade, a ancestralidade, a experiência.

As opiniões

A língua enrola ao falar dinheiro

Pi'ôk Kaprin. “Papel triste”, significa isso. É um papel triste que agora se transforma em digital também.

Liderança indígena

Parata – “valor para um produto”.

Indígena e estudante de economia

“Pele de papel sem vida”. Os antigos não sabem ainda que [dinheiro] existe. “Por que esse papel tem tanto valor, minha filha?”

Indígena e estudante de economia

Dinheiro e poder

O dinheiro também é poder. Quando você tem dinheiro, você tem poder. Tem o poder não apenas da compra, do acesso ao consumo, mas tem também o poder de você se posicionar num determinado lugar, numa sociedade que está completamente vinculada a conceitos meritocráticos. Quem tem dinheiro tem poder, tem conhecimento, tem acesso ao conhecimento, tem acesso aos direitos.

Pesquisadora do financiamento do terceiro setor

Poder é a matéria da filantropia e dinheiro é a linguagem.

*Representante de organização
filantrópica internacional*

Dinheiro e poder não são sinônimos, mas eles andam muito juntos. E de fato, você vê as três palavras – poder, conhecimento e riqueza – juntas.

Diretor de organização da sociedade civil

O dinheiro traz também uma situação de relação hierarquizada entre quem libera, quem disponibiliza e o receptor. E aí a gente tem essa discussão também histórica sobre as relações serem mais horizontais...

Consultora do terceiro setor

O nível de conforto é gigante dos institutos e fundações. Isso é um Poder. Os *grantmakers*⁴, os que doam, têm dinheiro, e assim, na largada, são colocados num outro lugar, estão passos à frente. O dinheiro é também isto: ele expressa poder.

Dirigente de organização filantrópica

4. Doador, financiador filantrópico; em geral, por meio de doações de grande volume (*grantmaking*), diferindo, portanto, de quem pratica pequenas doações.

Dinheiro é meio

Para mim, o dinheiro sempre foi um meio, nunca foi um fim. Eu acho que o dinheiro é a possibilidade de ter acesso a determinadas coisas.

Pesquisadora do financiamento do terceiro setor

Dinheiro é um meio, um veículo que, numa economia capitalista, viabiliza realizar coisas: uma família comprar mantimento para a semana, uma organização realizar a sua missão, uma incorporadora de um prédio pagar pessoas que trocam a força do seu trabalho pela condição de comprar suas coisas etc. De maneira muito simples, é um meio que também tem a condição de autorreprodução. A partir de um certo momento, o acúmulo alça pessoas e grupos a um [novo] patamar; enquanto uns estão dependendo desse meio para a sobrevivência, outros conseguem valer-se desse meio como autoprodução e exponencialização.

Gestor de organização filantrópica

Dinheiro é fluxo; dinheiro é um meio para chegar nas coisas.

Dirigente de organização filantrópica

Muitas vezes, a gente acaba tendo a necessidade de procurar acessar [dinheiro] para poder garantir uma série de outros recursos e uma série de benefícios que estão no campo do que se chama direitos. Esse recurso do dinheiro, a gente vem acessando aqui através da organização comunitária, e vem permitindo que a gente tenha acesso à internet; que a gente comece a pensar, por exemplo, em plantar; que a gente consiga comprar insumos, adubo etc. Então, o dinheiro é um meio para a gente procurar garantir o nosso modo de vida.

Quilombola e liderança de organização da sociedade civil



Dinheiro é um entre outros

Policapital é a ideia do dinheiro como um recurso dentre outros possíveis. A gente trabalha com investimentos oficiais, privados, de filantropia. São diferentes capitais que viabilizam a realização de projetos, viabilizam a transformação. Há o capital social que um grupo tem; o capital político, a capacidade de mobilizar pessoas. E tem o capital financeiro – aí eu traduziria, colaria no dinheiro.

Diretor de organização da sociedade civil

Dinheiro é possibilidade

Dinheiro é qualidade. É o que permite a altivez.

Diretor de organização da sociedade civil

É o que permite algo emergir, surgir, ser realizado, se impor, existir.

Representante de organização filantrópica internacional

Dinheiro é escala. O único recurso capaz de atender ao uso da escala é o dinheiro.

Dirigente de organização da sociedade civil

[Dinheiro] traz muitas oportunidades, por um lado. Poder ter dinheiro e acessar dinheiro faz olhar para um campo de possibilidades que é diferente do que se olha quando não se tem o dinheiro. Por outro lado, quando você não tem o dinheiro, há um processo ali de criação, que é super rico, no sentido potente, e que às vezes é deixado de lado à medida em que se acessa mais dinheiro. Quando vem a possibilidade do acesso aos recursos financeiros, você eleva e coloca as oportunidades em um outro patamar.

Representante de organização filantrópica internacional

[Dinheiro é] Locomoção, sobrevivência, abertura de oportunidades e melhoria de vida. Mas está complicado de pegar esse dinheiro.

Liderança quilombola

Dinheiro é sonho. O dinheiro opera em algo do nível de sonho. Isto é, o dinheiro permite executar o sonho.

Dirigente de organização da sociedade civil

Dinheiro é fantasia

O dinheiro é um equivalente. E ele é uma fantasia. É uma fantasia que só se sustenta se as pessoas acreditam nela. O dinheiro é um jeito de fazer o valor circular na sociedade. Ele representa alguma coisa que é real, representa trabalho, representa valores. Mas ele em si é uma fantasia. É algo artificial que só dura enquanto as pessoas acreditarem que ele de fato representa algum valor. Tem a ver simultaneamente com algo que representa um valor real e que depende da confiança. Se se perde a confiança no dinheiro, o dinheiro desaparece.

Dirigente de organização filantrópica

[O dinheiro é] Cortina de fumaça que você não enxerga.

Representante de organização filantrópica internacional



Dinheiro é material e imaterial

O dinheiro é meramente um mediador das trocas das pessoas por bens e serviços. Ele, em si, não tem valor. Então, o que é o dinheiro? O dinheiro não é nada.

E o dinheiro é gerado de onde? Gerado de nada. Não consiste em nada. O dinheiro não é nada. O dinheiro é um instrumento de troca que gera riqueza, mas essa riqueza foi gerada em cima do trabalho, não foi em cima do nada, ela tem que ser devolvida para quem gerou.

É um negócio tão vazio em si que você não tem nem o que dizer. Há cantos em que o dinheiro é em papel; em outros cantos, é aplicativo de celular; em alguns cantos é cartão de crédito e débito; mas na Amazônia, o dinheiro é um caroço de açaí; há lugares no Espírito Santo em que o dinheiro é uma latinha de reciclável – o cara pega a latinha e pinta ali e compra na bodega solidária com a latinha do refrigerante. Então, não é nada. Hoje, para os bancos, é código, é virtual. É uma verdadeira palhaçada. O cara fica rico trocando código.

Dirigente de banco comunitário

Dinheiro é algo que viabiliza, mas recentemente ele virou informação.

Representante de organização filantrópica internacional

Dinheiro é isso e aquilo

Dinheiro também é culpa para quem trabalha na filantropia: a culpa em representar o capital; a reparação do filantropo que acumulou capital em função do que quer reparar.

Representante de organização filantrópica internacional

Não existe dinheiro limpo.

Dirigente de organização filantrópica

Conheço várias comunidades em que, quando o dinheiro chegou, começou a treta.

Representante de organização filantrópica internacional

Dinheiro é dinheiro, ora. Estamos numa sociedade capitalista, e o dinheiro é dinheiro nesta sociedade [como se abordar o tema fosse desnecessário].

Dirigente de organização da sociedade civil

Diferente de riqueza

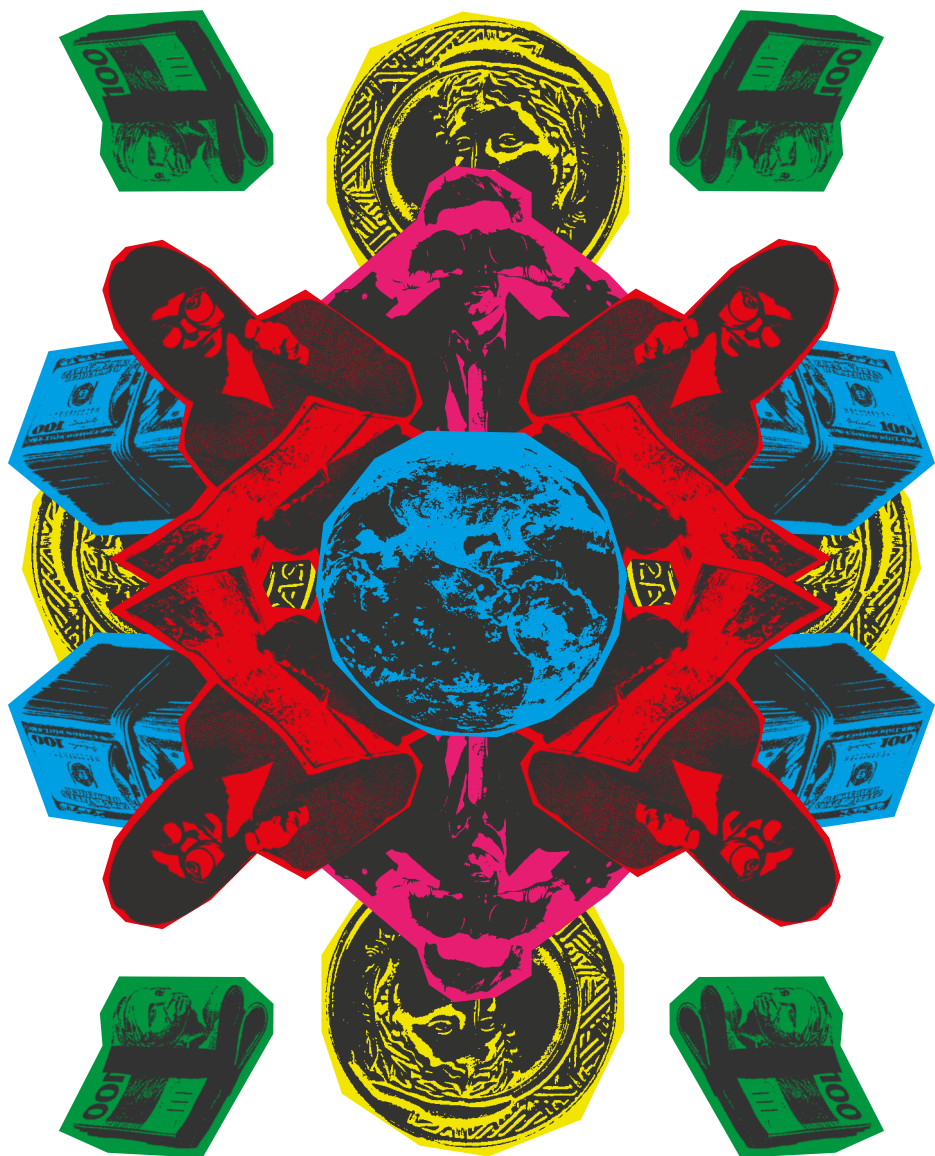
Existe contradição entre a riqueza do ponto de vista ocidental e a riqueza de um ponto de vista ancestral africano e afro-indígena. Toda riqueza é dinheiro? Não. Isso, para mim, dentro da realidade onde eu vivo, é uma coisa evidente. A gente tem muitas riquezas aqui: estou vendo adubo, estou vendo lenha, as galinhas estão correndo ao meu redor, há árvores com frutas, há abelhas polinizando. Eu estou vendo daqui, de onde eu estou sentado, uma casa de abelhas enxameando, aquelas abelhas sem ferrão, e um bocado de caju. Tudo isso é riqueza. Essa riqueza não se traduz em dinheiro.

*Quilombola e liderança de
organização da sociedade civil*

Aqui há uma riqueza espiritual muito grande. Daqui de onde eu estou, estou vendo os assentamentos dos caboclos, dos mestres, das mestres, dos orixás. Essa riqueza espiritual me permite transitar inclusive no mundo do dinheiro. São riquezas que o dinheiro nunca vai alcançar. Então, riqueza não é dinheiro.

*Quilombola e liderança de
organização da sociedade civil*





2.

Onde está o dinheiro

“Follow the money” [*Siga o dinheiro*], dizem repetidamente os investigadores experientes. Mas, primeiro, você precisa saber *onde o dinheiro está*.

Introdução

1. Existem questões que nunca saem de moda, que permanecem provocadoras ainda que mudem o pano de fundo, os personagens e os atores. Isso porque, embora o cenário mude, o script parece ser sempre o mesmo: *dinheiro é poder*. Daí que *localizar* o dinheiro é essencial para mapear o funcionamento da sociedade e dos jogos de poder que condicionam e influenciam as nossas vidas.

2. Trata-se de uma interrogação permanente. Isso porque o dinheiro flui constantemente; ora está num lugar, ora em outro. O dinheiro troca de mãos: ora está na posse de alguém, ora na de outrem. O dinheiro é ambíguo e diverso: ora tem uma natu-

reza, ora aparece com outro formato, materialidade, dimensão. O dinheiro parece ter uma concretude avassaladora; por outro lado, não passa de ilusão e fantasia. O dinheiro está disperso – e está concentrado.

3. O fenômeno concentração/dispersão condiciona a visão sobre assimetria e desigualdade, sobre propriedade e apropriação, sobre o público e o privado. O debate sobre *onde está o dinheiro* no campo da sociedade civil – e da filantropia – manifesta essas ambivalências e contradições.

4. As características do campo da filantropia e da sociedade civil refletem a desigualdade estrutural existente na sociedade. Não é à toa que o dinheiro, cá entre nós, também está concentrado em algumas poucas organizações.

5. Uma conclusão natural: a filantropia vem daí, desse *mundo tão desigual*⁵. **Não há filantropia sem concentração.**

5. Paralamas do Sucesso, “A novidade” (álbum Selvagem), 1986.

As opiniões

Uma interrogação permanente

“Onde está o dinheiro?” Depende de para quem se pergunta e de quanto dinheiro se está falando; depende de qual escala se está falando.

Representante de organização filantrópica internacional

Difícil responder onde está o dinheiro porque o dinheiro não fica na mão de ninguém.

Indígena e estudante de economia

Onde é que está o dinheiro? Em canto nenhum. Está na especulação. Está em códigos. Está na confiança das pessoas de que o dinheiro existe. Um dia isso vai explodir. Um dia essa bolha quebra e todo mundo quebra junto. Onde é que está o dinheiro? Responda. Está sendo administrado pelo banco de forma especulativa. Portanto, ele é irreal. Não existe. Metade do dinheiro do mundo que circula não existe.

Dirigente de banco comunitário

O dinheiro vem de fora

Eu não sei onde está o dinheiro. A gente tem produto pra que o dinheiro chegue aqui [na comunidade], mas a gente não produz dinheiro; não consigo fazer dinheiro aqui na minha terra. O dinheiro vem de fora.

Liderança indígena

Dispersão

Há a ideia de que o dinheiro também está disperso – daí a possibilidade de mobilizar recursos com muitos. Eu tendo a concordar e acho que faz sentido pensar de que os maiores doadores são quem é mais pobre. Se você consegue mobilizar muitas pessoas com poucos recursos, você tem muito recurso disponível. Acho que tudo isso é importante. Mas é que tem uma certa perversidade quando você pensa onde o dinheiro está acumulado de maneira excessiva e se multiplica de forma muito acentuada.

Dirigente de organização filantrópica

Onde está o dinheiro dos bancos? O dinheiro não está em canto nenhum. Os bancos inventam dinheiro. Eles emprestam dinheiro que não têm. Como é que você prova? Muito simples. Pergunte para o banco. Se todo mundo vier sacar o dinheiro, você tem lastro? Não tem. Então, ele criou um dinheiro imaginário.

Dirigente de banco comunitário

Concentração

O primeiro reconhecimento importante: a gente tem níveis de acúmulo inacreditáveis. E às vezes esses acúmulos [contêm] uma certa fantasia e uma certa virtualidade. Quando você pensa que as fortunas são calculadas não só pelo dinheiro líquido, mas por participação, principalmente em empresas, e essas participações são estimadas pelo valor que as empresas têm de mercado, esse valor é cada vez mais intangível também – porque depende de expectativa futura. Uma pessoa pode perder bilhões de um dia para o outro e isso não significa absolutamente nada. Ela não está mais pobre, ela não está mais rica.

Dirigente de organização filantrópica

O dinheiro está excessivamente concentrado na nossa sociedade. Há um acúmulo quase obsceno.

Dirigente de organização filantrópica

Onde está o dinheiro? O dinheiro está na mão de poucas famílias muito ricas.

Diretor de organização da sociedade civil

O dinheiro é sugado e concentrado a nível internacional. Está nos bancos e nos donos e famílias donas de bancos.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Apropriação

O dinheiro está nas mãos de quem concentrou, de quem capturou a nossa riqueza, a riqueza do nosso trabalho, a riqueza da nossa terra, a riqueza da nossa cultura ao longo dos últimos séculos.

Quilombola e liderança de organização da sociedade civil

Onde está o dinheiro no país? Está nesse histórico de expropriação da riqueza, expropriação dos indígenas, expropriação dos quilombolas, dos periféricos, da população negra que foi escravizada e depois foi relegada a viver sem ter nenhum amparo do Estado, nenhum amparo da burguesia que quis importar um monte de branco para embranquecer o país.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Desigualdade

O maior problema da humanidade é a desigualdade, a brutal desigualdade entre as pessoas. No centro da brutal desigualdade está o dinheiro. Não é nem o dinheiro, está no sistema financeiro, naqueles que manipulam, que coordenam, que administram o dinheiro. Tudo passa por ali.

Dirigente de banco comunitário

O que é desigualdade? A gente não entende o que é desigualdade. A classe média não entende o que é desigualdade. A esquerda não entende o que é desigualdade. Porque a gente lida com a extrema pobreza e não consegue olhar para o fosso de desigualdade que imprime essa desumanidade.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Dinheiro e poder

Onde está o dinheiro? Onde realmente se encontra o poder. E aí, mude governo, não mude, seja um governo mais à esquerda ou não, a gente não vê mudanças sociais relevantes no mundo há bastante tempo. [As mudanças] que ocorreram foram fracassadas. E fracassaram porque foram oprimidas exatamente por quem tem poder.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

O dinheiro está em quem realmente tem poder nessa sociedade. A gente não vê os hiper-ricos, a gente não sabe como é a cara deles.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Uma certeza

Se o dinheiro traz poder e está na mão das pessoas, quem está com caneta na mão não vai reduzir seu próprio poder, abrir mão de seus privilégios. A mentalidade de acumulação persiste, gera poder. Quem tem poder e poderia agir para diminuir a desigualdade não o fará, então ela permanece.

Investidor social

A filantropia concentradora

A filantropia é expressão desta bizarrice: a concentração de riqueza. A filantropia existe porque existem indivíduos com excesso de dinheiro. Excesso de dinheiro não deveria existir.

Representante de organização filantrópica internacional

A filantropia, estando numa sociedade capitalista, reproduz, de alguma forma, os mesmos padrões do capitalismo. A filantropia está também concentrada nas grandes fundações, que estão no Norte global, na sua maioria, e que doam muito pouco para o Sul global.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

A filantropia brasileira reflete o que é a burguesia brasileira, que é muito concentradora, que não quer perder seus espaços de poder, que reproduz o tempo inteiro suas relações de poder.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

[Trata-se de] uma distribuição completamente antidemocrática do dinheiro.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

[A filantropia brasileira] é uma filantropia que, na verdade, está muito mais ligada às atividades fins das próprias empresas ou associações familiares do que à sociedade civil. Ainda está muito na chave de uma responsabilidade social e não passou sequer para [a prática] do investimento social privado. Ou seja, estamos ainda na pré-história.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Um programa

O modo de vida ocidental tem a prática de construir riqueza pela apropriação. Então, o dinheiro está onde não devia estar. Ele deveria estar na mão da gente – para a gente poder reconstruir tudo o que foi destruído. (...) E uma parte da treta é justamente retomar [o dinheiro] -- da forma mais estratégica possível, da forma mais inteligente possível, da forma mais sábia possível.

Quilombola e liderança de organização da sociedade civil



Dois retratos de endinheirados

Duas pequenas lembranças pessoais sobre a condição de vida dos muito ricos, narradas durante as conversas da pesquisa. Duas lembranças de juventude. Duas lembranças sobre a desigualdade e seus absurdos.

Relato 1

Eu pude ver realmente a galera que tem dinheiro. Eu não me esqueço de uma festa de um menino do colégio. A gente passou um dia lá, o menino levou o colégio inteiro. Era uma fazenda recreativa. E essa cena nunca saiu da minha cabeça. O que era aquilo? O que é uma fazenda recreativa? Uma fazenda recreativa é uma casa que tinha tipo 40 salas de jantar (sei lá, mano, não estou exagerando, não). Era um negócio surreal. Eu nunca vi aquilo. Era daqui até o horizonte a casa. Uma casa que não acabava nunca. Tinha uma ladeira enorme na casa, com uma fonte que escorria; e tinha um labirinto francês, e plantação de mognos e madeiras de lei, e criação de arara-azul. A fazenda era de donos de um grande banco. Eu já tinha uns 14 anos na idade, eu entendia o que é desigualdade. Eu sou skatista. Tinha uma pista de skate profissional. Não era uma fazenda, era do tamanho de uma fazenda, os hectares de uma fazenda, mas para os ricos se divertirem, entendeu? Era um negócio muito louco.

No dia em que a gente foi lá, só havia os empregados que serviam a comida, só cozinheiros. Claro, um monte, né? Não é da nossa realidade. Quando a gente estava indo embora, e acho que o dono da fazenda já tinha ido embora, mano, surgiu uma multidão. A gente indo, e uma multidão indo cuidar do capim, indo cuidar do jardim. Tinha uma vila dentro da fazenda para cuidar da vida da fazenda recreativa.

Relato 2

Eu lembrei de um dia em que eu fui, anos atrás, à casa da família X, dona do maior rede de supermercados do país, quando o grupo estava no auge. Era uma fazenda recreativa também. E aí estava rolando um jogo de polo a cavalo. Para jogar polo equestre⁶, são quatro cavalos de cada time. Gente, eu fiquei muito assustada. Quando eu escutei o amigo que me levou falando da casa, eu nem entrei na casa. Mas fiquei ali vendo o churrascão e tal, participando ali no gramado. Os cavalos eram trocados a cada cinco minutos, se não me engano. Então, se cada time tinha quatro cavalos, os cavalos custavam mais caro do que eu conseguiria gastar durante meses. Os cavalos eram trocados a cada cinco minutos. Então, acho que os caras tinham, sei lá, uns 20, 30 cavalos para jogar ali o polo entre amigos e familiares⁷.

6. As medidas de um campo de polo são de 275x180m, e os cavalos utilizados caracterizam-se por ter uma altura que varia entre 1,52m e 1,60m. A bola para jogar polo é branca e feita de madeira ou plástico. O jogo é disputado por duas equipes com 4 elementos cada. (...) Um jogo de polo dura pouco menos de uma hora, e é dividido por períodos chamados chukkas. Conforme o nível de jogo, podem variar de 4 a 6 chukkas por partida. Cada chukka tem duração de 7,5 minutos. Os cavalos devem ser trocados a cada chukka e só podem ser utilizados 2 vezes no mesmo jogo, podendo ser eliminados durante a partida se a sua condição física for julgada insatisfatória num dos controles veterinários que ocorrem durante a prova. Os jogos são controlados por dois juizes montados a cavalo e um árbitro que permanece fora do campo, que é consultado pelos anteriores em caso de dúvida. Fonte: Wikipedia - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Polo_\(esporte\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Polo_(esporte)) – Acesso em 23.01.2025. Outras informações em <http://www.cbpolo.com.br/>.

7. O preço de um cavalo “básico” para polo é de, em média, 30 mil reais (aproximadamente US\$ 5 mil) – excetuados dessa conta os preços de animais extraordinários vendidos em leilões –, considerando-se somente o investimento, isto é, sem falar dos custos de manutenção da infraestrutura e dos cuidados com os animais, entre outros.



Os estratos dos ricos

Uma rápida abordagem sobre a ponta do iceberg da concentração da riqueza. Quem são os bilionários? Quem são os ricos? Quem faz parte da elite dos 10% mais ricos do Brasil? Quem somos nós? A resposta pode surpreender.

Primeiro estrato

Os bilionários

Dá para fazer a lista de onde está o dinheiro. É uma lista muito pouco falada.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

São poucos bilionários: 56 bilionários no Brasil em dólares, 250 e tantos bilionários, em reais. Desses, são muito poucos os que estão no GIFE.

Dirigente de organização filantrópica

1%? Quem tem esse dinheiro? São essas famílias mesmo, os detentores. Aí entra a questão do capital, a produção do capital, os meios de produção, os meios de replicação do capital. Os meios de produção não estão somente na indústria, [estão também] no sistema financeiro.

Gestor de organização filantrópica

Segundo estrato

Os “apenas” milionários

Nós temos milionários – [com fortunas de] 500 milhões de reais, 600 milhões de reais, 400 milhões de reais – aos montes. Essa galera acha que não tem dinheiro!

Dirigente de organização filantrópica

Há um elemento muito interessante: os ricos nunca acham que têm muito dinheiro porque sempre tem gente que tem mais dinheiro que eles. Então, quando os ricos se encontram, falam: “Eu não sou nada perto do fulano”. Só que esse [que está se lamentando] tem, assim, muitos milhões de reais.

Dirigente de organização filantrópica

Terceiro estrato

Os 10%: a elite da classe média

A faixa salarial dos 10% mais ricos [no Brasil] é em média de 7 mil reais ou uma coisa assim⁸. Mesmo no padrão brasileiro, pelo menos em São Paulo é difícil sobreviver [com esse valor]. Se os 10% mais ricos estão nessa média salarial, isso significa que a imensa base brasileira não dá pra comparar com quem está no 1%.

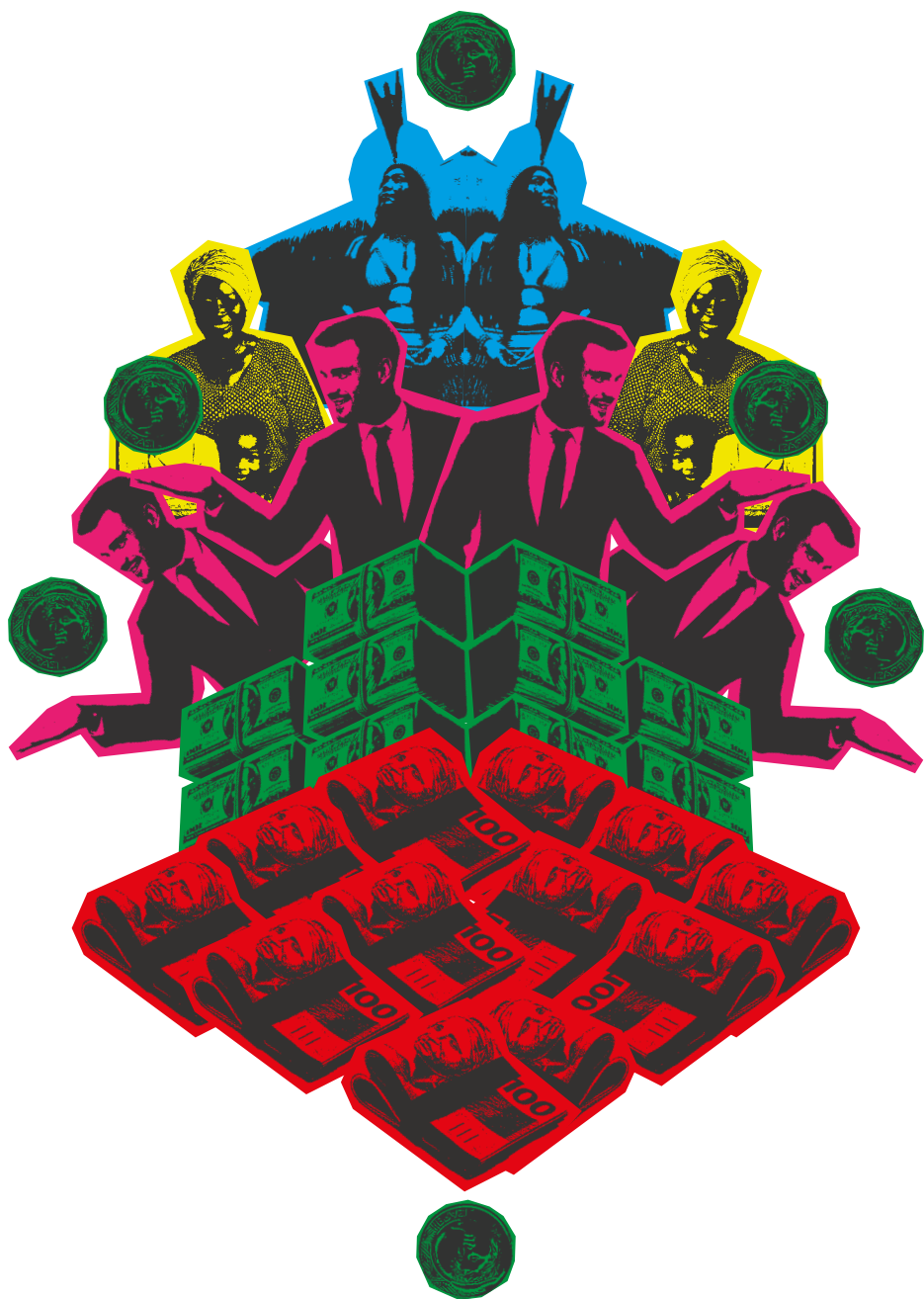
Gestor de organização filantrópica

Essa elite da qual eu faço parte tem uma desconexão com o território muito grande. Essa reflexão que os super-ricos sempre fazem, de que não têm dinheiro suficiente, essa parte da elite também faz. Então, quando a gente se compara com quem está no território, precisando, você, eu, nós temos muito dinheiro, também. O dinheiro também está aí.

Dirigente de organização filantrópica

8. R\$ 7.580 em 2023, segundo o IBGE. Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2024-04/renda-dos-10-mais-ricos-e-144-vezes-superior-dos-40-mais-pobres>





3.

Outras formas de usar o dinheiro

Há alternativas ao esquema filantropia-financiando-organizações-do-terceiro-setor – em alguns casos, sem filantropos; em outros, sem organizações.

Introdução

1. A filantropia é um dos caminhos para usar o dinheiro para fins sociais, de modo a gerar benefícios públicos, isto é, para toda a sociedade (e não para fins privados). Mas é apenas *um* caminho.

2. Há, pelo menos, dois outros caminhos. Segundo seus defensores, caminhos igualmente ou até mais benéficos do que o investimento social privado e a filantropia: a economia solidária e as finanças de impacto positivo social (*blended finance*). A primeira atua para manter a riqueza, gerada ou dispersa nas comunidades locais, promovendo e gerando mais riqueza den-

tro e para as comunidades locais. A segunda pretende substituir o investimento gerador de *dano* pelo investimento gerador de *benefícios* sociais, econômicos ou ambientais.

3. Há um conjunto de tensões e oposições expresso nas falas abaixo. Fazendo peso num prato da balança, as críticas. A filantropia não muda o jogo, é ínfima em comparação com as grandes somas do investimento financeiro no mercado pra valer (não chega a 0,5% do PIB brasileiro; onde estão os 99,5% restantes?). A economia solidária não ultrapassa o âmbito local; portanto, não têm escala para grandes transformações. A *blended finance* permanece prisioneira do princípio do retorno (financeiro) e, desse modo, só aprofunda o fosso da desigualdade.

4. A pesar no outro prato da balança, as vantagens. A filantropia opera, pelo menos, numa lógica que contraria o lucro e pode ser distributiva. A *blended finance* pode ser mais eficaz ao propiciar impactos positivos de forma rápida (a questão climática, por exemplo, urge). A economia solidária é, por sua vez, prefigurativa: é um meio que realiza seus fins, e as comunidades que a praticam são mais autônomas e sujeitas do seu próprio desenvolvimento.

5. Esta é uma conversa sobre caminhos – e escolhas.



As opiniões

O dinheiro sob a perspectiva da solidariedade

Nós temos uma lei tramitando no Congresso há anos que estabelece que no Brasil as pessoas poderiam ter opção de estar no Sistema de Finanças Solidárias, que as pessoas poderiam ser livres para entender como funcionam as finanças e poderiam optar. O que é o Sistema Nacional de Finanças Solidárias? Por exemplo, chegar aqui no “Banco do Paulo” e depositar um dinheiro de poupança, porque esse dinheiro da poupança vai render e ser reinvestido na comunidade. Hoje não pode. Ninguém pode poupar nos bancos comunitários. Nós somos 182 bancos comunitários no Brasil. Hoje são 700 milhões por mês que circulam nesses bancos sociais, em moeda social. Não é uma coisa de pouca monta. Agora, o Brasil não admite que isso seja uma opção, que tenha um sistema financeiro cujo dinheiro tenha uma função social. Só pode poupar se for no banco comercial, para ele poder tirar o dinheiro daqui, botar lá e ganhar dinheiro em cima disso. Não pode, e eu vou explicar por quê. Porque nós somos organização da sociedade civil; porque a gente tem o dinheiro e as finanças como fim social, e não econômico.

Dirigente de banco comunitário

Quem é o operador do dinheiro? Na nossa concepção, o dinheiro é a moeda social. Quem é o operador de uma moeda social, quem emite dinheiro, quem emite moeda social é um banco comunitário, porque a função dele é social. Ele não se viabiliza numa lógica de mercado, ele não gera produto financeiro. Para nós, o banco não tem nenhuma analogia com o que é o banco tradicional. O banco, para nós, é um instrumento de colocar a economia local, de fazer o dinheiro circular no local, de coordenar esse processo produtivo local.

Quando eu enfio o diabo desse cartão na maquininha, entenda, aqui tem uma bandeira, tem um banco, que ganha, e ainda tem aquela maquininha, chamada de adquirente, que ganha também. E tudo isso vai para Miami ou para a Faria Lima — porque 3%, 4% vai para lá. Quando eu uso o cartão do banco comunitário, no nosso aplicativo, gera também uma taxa: 2%. Mas volta para o banco comunitário reinvestir a crédito, a juro zero. No dia em que o povo entender o que é o sistema financeiro, como ele funciona, como é que uma pessoa pode ficar bilionária sem fazer nada, no dia em que entender isso, o povo vai descer, vai ter uma revolução, vai sair quebrando tudo.

Dirigente de banco comunitário

Uma anedota muito boa

O prefeito de uma cidadezinha do Pará, Baião, o município logo abaixo da hidrelétrica de Tucuruí, tinha uma anedota muito boa, que ele contava para o povo. Certo dia ficaram sabendo que ia ter uma festa por lá, que ia reunir muita gente. Então um pipoqueiro foi para a festa. Um vendedor de limonada foi para a festa também. Aí eles ficaram lá e nada da festa aconteceu, nada de ninguém chegar. O cara da pipoca ali, começando a bater uma sede, ele esqueceu de levar água, né, e ele tinha um real, e ele olhou ali a barraquinha da limonada do outro lado da rua, o cara da limonada também já ali, e aí, será que vai ter, não vai ter, vai acontecer ou não, o pipoqueiro foi lá e deu aquela moedinha de um real, pegou uma limonada e tomou. E voltou pro lugar dele.

Ficaram esperando, passou um tempo, aí o cara da limonada começou a ficar com fome, olhou lá, e quanto é essa pipoca? Um real, né? E ele, que não tinha ido com nada, devolveu a moeda de um real para o pipoqueiro, e comeu a pipoca. E, assim, os dois ficaram lá (não veio ninguém, o evento não aconteceu), depois voltaram pra casa, mas os dois voltaram muito satisfeitos, tendo comido bastante pipoca e bebido bastante limonada. O prefeito usava essa anedota pra dizer que a renda tinha de circular lá dentro, que a gente não precisaria gerar mais nada, bastaria fazer com que o dinheiro circulasse lá dentro...

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Investimento de impacto social

A filantropia é uma doação. Salvo gente muito generosa, o grande patrimônio está sempre financiando a mesma coisa. Temos que disputar os grandes investimentos, investimentos de impactos positivos para competir realmente. Ao invés de doar, usar o dinheiro para um capital de investimento. Ao invés de doar 1, doar 2 para indicar capitais, inclusive regenerativos, que aumentam o retorno.

Investidor social

Canalizar capital catalítico. Transformar o “bolso grande” em investimento com externalidades positivas, não negativas. Investimentos de impacto positivo devem competir com o dinheiro *mainstream* que faz mal. O dinheiro é deslocado: deixando de destruir e sendo alocado em efeitos positivos.

Investidor social



Outras economias, como a economia de impacto, ou economia verde (que são coisas boas, não são coisas ruins), têm, na essência, uma diferença para aquilo que a gente chama de economia solidária. É que essas economias não se preocupam com a desigualdade. Eu posso ser um empresário rico, ter 100 empregados, pagar um salário mínimo para eles, desde que eu trate eles bem, pague os seus direitos trabalhistas direitinho. Eu posso ficar milionário ou bilionário e eles continuarem pobres. Desde que essa economia tenha um impacto social, respeite o meio ambiente, respeite os direitos dos trabalhadores, isso é aceitável. É isso que se chama, no Brasil, economia de impacto. Tudo bem, mas nós somos um pouco mais exigentes. A desigualdade tem de ser enfrentada. Os bancos comunitários não financiam uma empresa em que trabalhadores ganhem infinitamente menos que o patrão, e que ele possa ficar milionário enquanto os trabalhadores são pobres.

Dirigente de banco comunitário





4.

Impacto do dinheiro

Não ter dinheiro causa uma série de problemas. Ter dinheiro, também. É preciso conhecer e reconhecer os efeitos – e os estragos – provocados por esse tipo específico de riqueza (não o único) que é o sonho dourado de muita gente.

Introdução

1. Pode não parecer, mas dinheiro não é natural; trata-se de um artefato, um dispositivo, um discurso e uma linguagem. Produz efeitos sobre os seres, independentemente dos seus conhecimentos a respeito, de suas experiências e de suas histórias, de seus desejos, de suas capacidades, de seus projetos de vida.
2. Pode não parecer, mas o dinheiro pode ser um tipo de vírus ou espécie invasora. Instala-se, se reproduz, pode matar o hospedeiro ou desorganizar o ecossistema até o eventual colapso das demais espécies que partilham o habitat. Um valor-invasor.

3. É costume celebrar quando o dinheiro chega – entre as organizações da sociedade civil, em geral carentes e dependentes desse recurso. É para celebrar mesmo. Mas o dinheiro pode ter muitas outras consequências, diferentes da viabilização das atividades, da realização da política, da manutenção da infraestrutura, da remuneração de quem trabalha, do atendimento direto a grupos e populações.

4. Abaixo, uma reflexão sobre diferentes consequências e profundos impactos do dinheiro – especialmente no âmbito de comunidades tradicionais e povos originários – que pedem, no mínimo, monitoramento e alerta. Há quem vá além e exija não só informação e conscientização, mas ações concretas de prevenção, redução de danos, mitigação e correção de rota – com a máxima urgência, como no caso do clima, para sustar uma tragédia anunciada.



As opiniões

Bons impactos

Há a questão do acesso à saúde, da dignidade na cidade, de ter uma roupa, ter um lugar para ficar, mesmo que tenha todo o preconceito, né? Mas é isso, você está ali com um lugar, você está calçado, você está nos termos do que aquela sociedade impõe naquela cidade. Então, muitas vezes o dinheiro, quando vem com efeitos bons, vem como acesso a direitos básicos que não são garantidos: o direito de ter educação, de poder ter saúde, de poder ter deslocamento.

*Representante de organização da
sociedade civil indigenista*

Impacto do dinheiro no campo das OSCs

O dinheiro também infla coisas que são só fantasia. Como, por exemplo, lideranças que não têm respaldo no território, construídas artificialmente, a partir do dinheiro.

Representante de organização filantrópica internacional

Apoiamos muitas coisas relevantes, e a retirada de dinheiro em vários casos significa a descontinuidade do trabalho.

Representante de organização filantrópica internacional

[O dinheiro] dissolve as relações, destrói a confiança, liquefaz a confiança. Não dá para confiar só no dinheiro.

Dirigente de organização da sociedade civil

Água demais também mata plantação. Ficamos problematizando isso: o dinheiro pode implodir uma organização. Estratégias de financiadoras de canalizar o dinheiro, verificando quem pode absorver milhões, podem colapsar as organizações por excesso de dinheiro. Esse é um debate. Tem gente que diz que dinheiro é sempre bom. Nós dizemos que ele pode implodir [as organizações e os movimentos]!

Representante de organização filantrópica internacional



Um impacto de nível global

A distorção que o dinheiro não corrige, mas acentua: o limite planetário. Nessa busca por impulsionar crescimento, o limite planetário chega mais cedo do que poderia. Já chegou num patamar crítico. O sistema mais destrói do que regenera. Acho quase impossível falar de decrescimento tendo em vista a mentalidade predominante.

Investidor social

Impactos sobre povos e territórios – cisão e discórdia

Ainda seguimos esse conceito de Raoni e outros que viram de perto essa divisão. A gente tem esse privilégio entre os parentes, do monitoramento. A gente se agarra muito às políticas públicas (protocolo de consulta, etc) que faz com que, se tivermos um assédio, a gente leva para todo território. A gente combate dessa forma, com as leis que tentam nos proteger. Mas no Pará, entre outros parentes, a divisão é enorme; aldeias que saíram de associações (que combatem esse modelo predatório de exploração). Num dos nossos encontros, discutimos como trazer de volta essas lideranças.

Liderança indígena

Quando eu era mais novo, me lembro de meu tio falando que o dinheiro era uma coisa muito triste para nós, indígenas. E hoje é isso. Quando a gente teve contato com o mundo externo, foi destruidor. Muita exploração, garimpo, dividiu o povo, grupo, família. O dinheiro trouxe essa divisão entre nós. Meus pais, meus tios e meus avós pensaram em usar o dinheiro para o coletivo. Por isso as associações. O dinheiro acaba dividindo, ele é individual. Você ganha o *seu* dinheiro, você quer fazer o *seu*. E pra nós nunca foi assim, nada é individual. A gente caça, pesca para consumir no coletivo. Mas tem as contradições: aprendemos a ter dinheiro, todos tem um benefício, um trabalho que é remunerado, cada um de nós pode fazer o que tem vontade porque o dinheiro traz isso.

Liderança indígena

Quando o dinheiro entra no território, há separação entre as lideranças. As pessoas de fora causam discórdia dentro do território, por causa de dinheiro (madeireiro, garimpo). Estamos sendo muito assediados por exemplo com essa coisa de crédito de carbono. Querem oferecer muito dinheiro pra nós, e essa oferta causa separação.

Liderança quilombola

[Sobre os recursos destinados aos indígenas oriundos de um Termo de Ajustamento de Conduta-TAC de uma mineradora]: Os impactos da mitigação às vezes podem ser tão grandes quanto o próprio impacto do empreendimento: desagregação de visão das comunidades, estímulo das cisões, o individualismo, etc. [Para as associações indígenas] são pouquíssimos benefícios concretos em termos de empoderamento, de processos estruturantes.

Representante de organização indígena

Um elo frágil – a juventude

Essa juventude, as próximas gerações, com essa mentalidade, só quer consumir. O dinheiro está fora, não está no território; e a juventude está saindo para ir atrás do dinheiro.

Liderança indígena

Hoje em dia a gente perdeu a arte de se reunir. O dinheiro nos tirou isso, a arte da gente se reunir para fazer algo pra alguém. Agora é só pagar diária.

Liderança quilombola

Poucas famílias hoje em dia fazem roçado. Consomem muitos alimentos externos da cidade vizinha. Cultura ocidental entrando de forma doentia na mente... As pessoas doentes porque não conseguem consumir tudo o que querem; não conseguem ficar sem acessar o aparelho celular. Um pai tirou o celular do filho por um dia e o menino se matou. Muitos dos jovens não querem mais pescar, produzir o alimento. Precisa entender o mundo dos brancos, precisa ocupar, precisa estudar, sim, mas aí se tromba com a necessidade de dinheiro. Não é mais “precisa pescar, roçar” e sim “precisa estudar para ir pra cidade e trazer produto pra comunidade”.

Liderança indígena

Antigamente as casas eram feitas de palha e alvenaria na comunidade indígena. Ultimamente, por causa da circulação de dinheiro na cidade e os programas federais, tem melhorias na vivência e dificilmente casa de palha. Hoje há mais casas de alumínio.

Indígena e estudante de economia

O consumismo na juventude está disseminado: “eu quero”, “eu preciso...”. Consumo e internet estão levando todos da molecada a esquecer sua própria cultura.

Liderança quilombola

A juventude é sempre a primeira que faz o contato e traz para o território. Aqui ainda tem as lideranças mais velhas que barram. O risco de mau uso do dinheiro, da má fé de quem está oferecendo é alto. Estamos muito preocupados, tenho batido muito para uma economia voltada para o coletivo. Por enquanto temos segurado bastante as “loucuras” dos jovens que querem acessar esse recurso de qualquer maneira, dinheiro fácil. Mas está muito difícil. Estamos segurando, mas é uma preocupação do futuro.

Liderança indígena

Quem está na região está acompanhando o que está acontecendo: um uso crescente de recursos para comprar comida de fora. E, assim, um desafio é conseguir fazer essa ligação de como o dinheiro fragiliza a segurança territorial, quando um povo que tem um território gigante, superfértil, deixa de produzir no território.

Representante de organização indígena

Para mim isso está claro que o dinheiro tem gerado uma dependência crescente. Alimento é um ponto central, é um ponto basal, mas que se ramifica em várias linhas. Você começa a criar uma dependência nas crianças, desvaloriza a comida e piora a saúde.

Representante de organização indígena

Há muita demanda de geração de renda. Se você não trabalha a produção, a renda que é gerada vai para comida, e não resolve o acesso a bens que eles não conseguem produzir no território. Essa conexão dos projetos, seja de renda de castanha, seja de turismo de base comunitária, se você trabalha a questão da alimentação, você está direcionando uma boa parte da renda para algo que está lá do lado deles, que requer apenas trabalho e que fortalece a soberania territorial, a segurança territorial, a questão da cultura e da conexão com o território.

Representante de organização indígena

Mudança no padrão civilizatório – a desigualdade

De modo geral, é imposto um processo civilizatório que traz a questão da formalização, que traz “n” exigências, o próprio acesso ao sistema bancário e tal, e que exclui muitas e muitas organizações que fazem um trabalho nas comunidades que, às vezes, é feito sem dinheiro e que tem muito mais impacto do que, às vezes, um projeto que é feito com dinheiro.

Quilombola e liderança de organização da sociedade civil

Dinheiro pode trazer benefício, mas trouxe desigualdade na terra indígena e não é distribuído de forma justa.

Indígena e estudante de economia

Para poder ter acesso ao recurso de quem quer investir nisso, tem que adaptar uma série de processos que levam ao enquadramento em outro padrão civilizatório, que não reconhece, por exemplo, a autoridade de uma mãe de santo ou de um pai de santo, só reconhece a autoridade de um presidente de ONG ou de um representante legal.

Quilombola e liderança de organização da sociedade civil

Mais-valia

Mais valia: o valor do trabalho é apropriado pelo capitalista. É muito triste; você é dependente, depende de tudo.

Indígena e estudante de economia

A disputa pela noção de riqueza

Durante a era Bolsonaro houve uma supervalorização do dinheiro e total desvalorização das outras riquezas, a água, o rio e tudo. Eles foram tão assediados pelos bolsonaristas que diziam que eles viviam na pobreza, que está acontecendo uma desvalorização das coisas deles.

Representante de organização indígena

Pobreza

Nas comunidades indígenas, especialmente, a questão da renda é muito importante. Assim como, na verdade, na nossa sociedade em geral, para a população mais pobre, pois representa o acesso a bens de consumo. No caso das sociedades indígenas, há um processo de mudança ali, muitas vezes de uma sociedade que vivia principalmente de subsistência, com alguma ou outra coisa que vinha de fora. Hoje ela passa a ter um deslocamento para comprar muitas coisas de fora. Isso que deveria ser uma fonte de emancipação ou de renda, na verdade, se transformou em um grande problema, se transformou em *pobreza*. Supostamente, a renda deveria ser sinal de riqueza; lá, a renda virou sinal de diabetes, de alcoolismo, de deslocamento para os centros urbanos...

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Não ter dinheiro não é sinal, necessariamente, de pobreza. O dinheiro enfraqueceu as lideranças tradicionais, o dinheiro empobreceu a população, empobreceu no sentido que diminuiu a segurança alimentar, aumentou os problemas de saúde.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Assalariados indígenas e novas hierarquias

Aí tem uma outra coisa muito louca, que é esse lugar dos assalariados nas comunidades. Hoje em dia, nas estruturas das comunidades, pelo menos das aldeias indígenas que eu tenho mais convívio, as figuras remuneradas que o Estado cria e que são a fonte de renda viraram algo muito estruturante. Por exemplo, o professor, o agente de saúde, etc. Foi criada uma hierarquia de cargos, e processos também hierárquicos de geração de renda, de alternativas e caminhos na comunidade, de qual é o lugar do topo ali das hierarquias internas, e que também vão afetando as dinâmicas comunitárias.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Em uma série de aldeias, você tem um monte de professores que são pagos, e não tem escola para eles darem aula, e ninguém fala nada. Ou seja, a renda, além de virar barganha eleitoral de compra e venda de votos associada à concessão desses cargos, se sobrepõe ao direito. Você tem um monte de professores onde você não tem escola, e o professor não dá aula, e as crianças estão na favela e você não tem ninguém disputando e lutando pela educação. Então vem o dinheiro. O que serve o dinheiro nesse contexto? O dinheiro que era para prover a educação, não provê, mas ele provê ali um mínimo acesso ao consumo, um lugar que é suficientemente confortável para a pessoa aceitar o desprovidimento do direito dela. É tão pouco politizado o processo que você não tem nem essa disputa.

*Representante de organização da
sociedade civil indigenista*



O bem-viver

Para viver na cidade, você tem que trabalhar. Se você não produz, você não sobrevive. É muito desgastante para uma vida que possa ser mais sossegada; você tem que cumprir horários e obrigações. Na comunidade, você vai fazer o que é pra te beneficiar e assim, as coisas têm um outro tempo, com os rituais, preparos antes, para então sair pra trabalhar, sem que ninguém defina horário para você começar e para terminar. Você fica pensando no que fazer para conseguir mais coisas. Na comunidade todos os bens para viver bem estão lá.

Indígena e estudante de economia

Soluções para os impactos

Qual é o ponto de vista hoje em dia de um indígena sobre o dinheiro? Qual o conhecimento milenar que já existe sobre o dinheiro? Como a gente organiza isso para se adequar ao mundo em que a gente vive? O que dinheiro te faz, o que dinheiro te traz? Seria possível uma moeda indígena, que tenha mais a ver com o nosso entendimento de dinheiro?

Indígena e estudante de economia

O debate sobre renda

Eu acredito que haja formas boas de se fazer, né? Acho que tem que ter o cuidado de estimular a reflexão crítica nas comunidades sobre o que eles querem, o que eles buscam, renda para quê. Essa reflexão é fundamental para evitar os impactos negativos da renda. Todo projeto de estruturação de cadeias tem de dedicar um tempo, que não é pequeno, para esse diálogo, para esse estímulo à reflexão e para a construção de estratégias de potencializar os impactos positivos e minimizar e mitigar os negativos. Senão as coisas não vão ser boas.

Representante de organização indígena

Um exemplo. Começar na escola. O alimento é conexão com o conhecimento, é conexão com o território, ele traz tanta coisa junto. Uma proposta, Amazônia na Escola, previa justamente equipar melhor as escolas nas aldeias, para as escolas estarem melhor preparadas, do ponto de vista estrutural, para absorver os alimentos locais. Então havia um freezer para guardar açaí, um freezer para guardar peixe, uma despoldadeira, uma bancada para tratar o fruto e o peixe, etc.

Representante de organização indígena

Não tutela, autonomia

O que precisa ser feito não é condenar ou idealizar. Tipo, ah, os indígenas não têm que ter acesso a dinheiro. Ah, os projetos estão mudando a lógica. Não. O que precisa é ter um processo político de discussão sobre como que isso vai ser internalizado na comunidade. (...) O acesso aos bens que o dinheiro traz, o acesso à comunicação, à informação, a marcas, e aí tudo o que vem junto, a mídia e tudo, isso é um problema que não deve ser visto na ótica da tutela, do segregacionismo, de que essas populações não podem acessar esses recursos. Tem de ser visto na ótica da autonomia. Mas a partir de um senso de educação popular mesmo, de discussão política com as comunidades sobre como elas enxergam aquilo, quais são os acordos, quais são os efeitos. (...) E essa mudança que vem a partir desse acesso monetário, dessa monetarização das relações, inclusive na comunidade, ela tem que ser debatida politicamente. Mas ela é algo inerente. Não é algo que alguém de fora vai pôr um filtro, alguém vai cercear, alguém vai dizer não.

*Representante de organização da
sociedade civil indigenista*

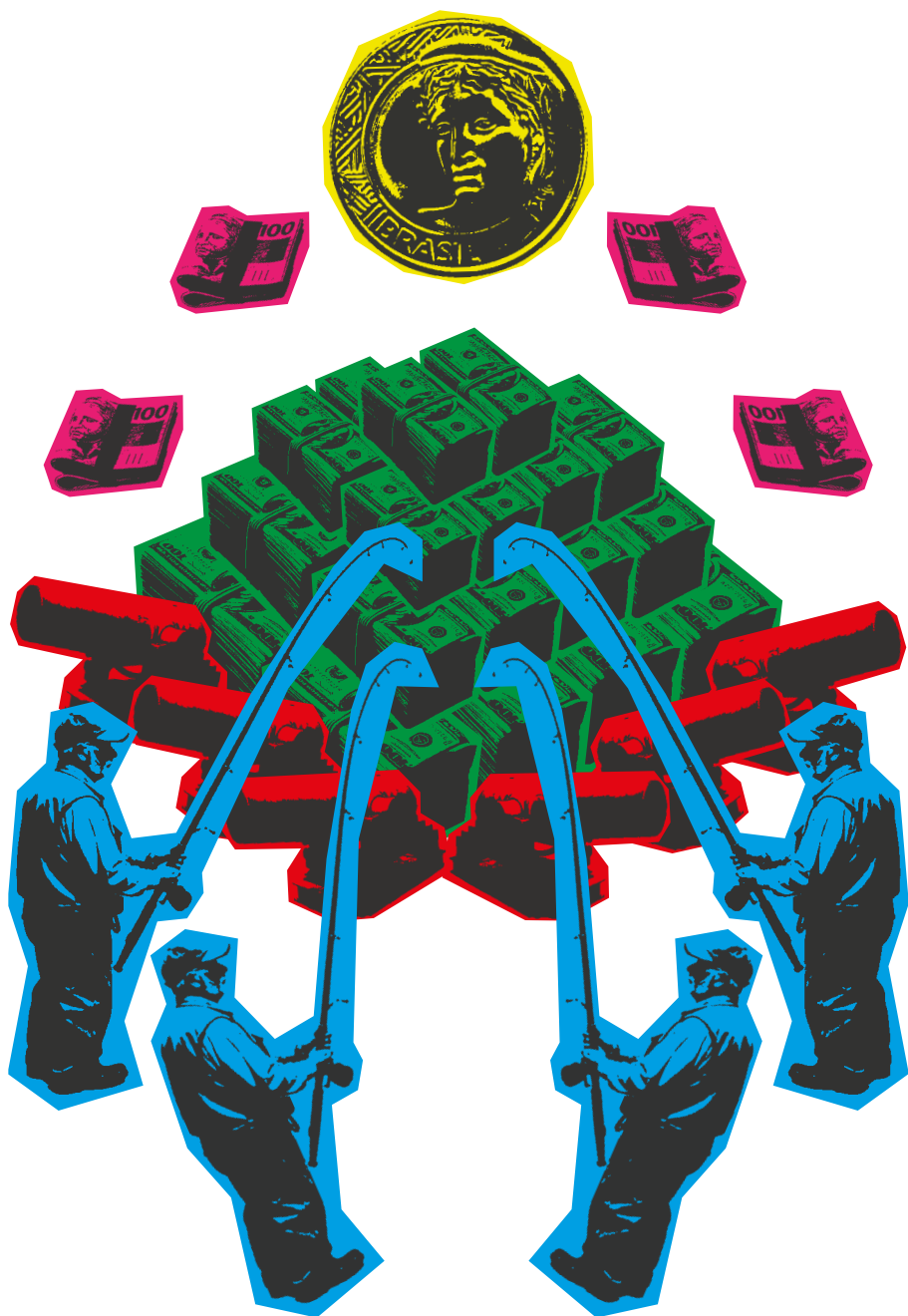






II.

O dinheiro na filantropia



5. O desafio da filantropia (e seus desafios)

O lugar da filantropia está em debate. De uma perspectiva macro, que trata de colonialismo e poder excessivo, até o nível mais operacional dos instrumentos de gestão, tudo é desafio para ser enfrentado – e resolvido.

Introdução

1. A filantropia pode ser vista como um ecossistema – dele fazendo parte financiadores (ou doadores), financiadores de financiadores, financiados, intermediários e outros atores avulsos. As organizações da sociedade civil entram aí como “financiados” e, neste caso, ocupariam lugar secundário. Financiadores (ou doadores) representariam a parte de cima da cadeia, a de maior relevância, o conjunto que de fato “importa”.

2. No entanto, a filantropia pode ser vista como parte de um ecossistema maior, o da sociedade civil – dele fazendo parte atores de vários tipos, atributos e funções. Financiadores (ou doadores), neste diagrama hipotético, seriam um elemento com função específica. Financiamento (ou doação) seria *uma relação possível* (dentre outras) entre diferentes tipos de atores. Parece então melhor imaginar um desenho diferente de um organograma hierárquico para representar esse campo: uma teia de relações numa estrutura de alta diversidade, com seus diversos planos, zonas, conjuntos e subconjuntos – e seus desequilíbrios e assimetrias.

3. De todo modo, nesse ecossistema maior (e mais diverso), a filantropia ocupa um lugar estratégico.

4. Se dinheiro é poder, a filantropia é instrumento de poder – no mínimo, é um elemento dos jogos de poder (geopolíticos, inclusive, como Trump faz ressaltar). Seus efeitos (ou a ausência de efeitos), suas diretrizes, princípios e modos de fazer – sua cartilha de procedimentos – têm impacto sobre a sociedade civil, sobre políticas públicas, até sobre comunidades inteiras.

5. Este capítulo trata do *desafio da filantropia* – desafio que nós, da sociedade civil, precisamos enfrentar. Questões como colonialismo e imperialismo, persistência da concentração, resistência à distribuição, “o poder do guarda”, a influência sobre o campo, distorções de vários tipos, sua lógica impositiva, entre outras questões não menos relevantes. O problema da legitimidade (ou de sua ausência) se coloca aí – e é um dos mais prementes.

6. Este capítulo trata também dos *desafios da filantropia* – desafios, no plural, que os atores filantrópicos e as OSCs precisam encarar no próprio âmbito das relações de troca e financiamen-

to (ou doação) operadas pela e na filantropia. Ou seja, trata das questões relativas ao *modus operandi*, aos procedimentos de controle, aos aspectos financeiros e até à composição social de quem organiza e opera os financiamentos (ou doações). No fundo, aqui se debate a pertinência, quais *são* e quais *devem ser* os papéis e funções dos financiadores (ou doadores). Seguem-se uma espécie de diagnóstico e muitas provocações.

As opiniões

Questões do ecossistema

O efeito colateral da filantropia: uma espécie de licença pra transgredir.

Investidor social

A filantropia entende que já cumpriu seu papel e, assim, acha que pode fazer o que quiser a partir disso. Parece duas cabeças e dois dinheiros: 0,5% para filantropia, 99,5 pra tudo que é de errado. Vou dar meio dinheiro para filantropia e todo o resto segue financiando coisas terríveis. E não muda nada no campo, nem a maneira de ser.

Investidor social

Colonialismo

Está cada vez mais claro que a gente vive o colonialismo. A filantropia é mais uma expressão disso. O norteamericano ou o europeu toma decisão e fala “transição energética” e acabou. A gente fica aqui tentando adequar os programas a essa definição.

*Representante de organização
filantrópica internacional*

A oferta de dinheiro

Dá pra ver que não há crescimento nos investimentos da filantropia, não tem gente nova entrando. Estes 1,8 bilhões de reais [a fatia investida em projetos de terceiros pelos membros do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas-GIFE, cf. Gráfico 2] representam quanto da riqueza que está sendo gerada por eles? Não representa mudança nenhuma. Quando a gente fala de 1,8 bilhões parece muito, nem sei contar, mas do ponto de vista relativo é nada perto do que é investido em fundos de investimento. O que a gente faz para aumentar o tamanho desse recurso?

Investidor social

Como uma parte importante da cooperação internacional saiu do país, o que toma o seu lugar é a cooperação nacional. A filantropia brasileira, o investimento social privado brasileiro, ocupa também esse espaço de financiamento que a cooperação internacional deixou. Mas quando você olha o nosso país, a quantidade de organizações que atuam no território, ela é inalcançável pela filantropia.

Dirigente de organização filantrópica

Eu estou vendo o recurso diminuindo de uma forma muito significativa. O dinheiro do Norte Global está cada vez mais restrito: está sendo direcionado para empresas e governos, ou está criando seus próprios mecanismos de financiamento. O dinheiro está travado, ele não está fluindo, de fato. Ele está ficando no meio do caminho – e para bancar estruturas milionárias.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Agora temos outro problema: a filantropia americana, que é uma filantropia importante, com essa história do Trump, vai olhar para construir seu próprio tecido social, vai estar muito mais preocupada com agendas internas, vai se voltar para isso e muito menos para doar para fora. Não vai vir o dinheiro para o Sul Global.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

A questão da legitimidade

A questão da legitimidade não é um elemento central no cálculo que orienta, de fato, as decisões, infelizmente. Penso que uma das coisas que mantém essa situação de institutos e fundações serem operadores [da ação social] é uma baixa reflexão sobre legitimidade. E essas instituições se veem igualmente legítimas para atuar nas áreas em que atuam. Trata-se de uma discussão complexa, porque são todos atores que estão, no campo privado, disputando modelos, visões, recursos. Então, formalmente, não há uma diferença substantiva de legitimidade entre uma associação e um instituto empresarial, por exemplo. Mas, na prática, politicamente, existe uma grande diferença. Barry Gaberman⁹ dizia que, quando uma ONG vai desenvolver um projeto, precisa, primeiro passar por um teste de, não lembro o termo que ele usava, de credibilidade, um teste de validação do seu projeto. Ela precisava convencer, pelo menos, um financiador de que aquele projeto pára em pé. Quando uma fundação resolve desenvolver um projeto, ela não passa por nenhum teste de mercado, não precisa convencer ninguém, ela tem os meios, tem o recurso, tem a capacidade, ela não tem que prestar contas para ninguém. Então, os mecanismos de *accountability* dela são muito fluidos, principalmente com baixo nível de transparência, no caso do Brasil. Isso reduz, potencialmente, a qualidade

9. Ex-diretor da Fundação Ford nos Estados Unidos.

do trabalho no campo. Então, quando você cria essa dinâmica de uma organização que precisa formular uma proposta, convencer um financiador, criar uma relação com o financiador, se essa relação é saudável, acho que potencialmente fortalece as intervenções. Se essa relação não é saudável, ela é só um exercício de poder, e prejudica, inibe, reduz as condições para que aquilo tenha o seu melhor desenvolvimento. Eu sou muito cético e crítico ao dirigismo das fundações e institutos em relação aos seus investimentos.

Dirigente de organização filantrópica

Competição de governos e empresas

Financiamento haverá, mas muito pouco para a sociedade civil. O dinheiro deveria ir para governos? Sim. É preciso que os governos criem suas agendas de clima? Sim, precisam criar. Mas, enfim, os estados não recebem impostos? Por que o dinheiro tem de ir para as empresas? Por que a filantropia ou a cooperação têm de bancar transição energética? As empresas não recebem lucro suficiente para bancar isso? Por que a filantropia tem de bancar isso?

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

O baixo percentual de doação

Dentro do GIFE, temos 4,8 bilhões de reais [cf. Gráfico 2 abaixo], mas precisaríamos ter um recurso muito maior. Isso dá cerca 0,38% do PIB nacional de recurso filantrópico. Nos Estados Unidos, esse valor chega a quase 2% do PIB.

Dirigente de organização filantrópica

A lógica do dinheiro

O dinheiro da filantropia, o dinheiro da cooperação internacional, isso tudo é importante, desde que isso não abafe ou mude o meu propósito, ou ressignifique minhas lutas por um mundo de justiça e de igualdade. (...) Não tem problema em pegar o dinheiro deles, desde que isso não seja fator para a sociedade ficar confusa. O pior castigo da minha vida é se algum dia alguém me confundisse com um banqueiro, com um dono de banco, ou confundisse a minha cabeça e meus propósitos com os propósitos de um banqueiro. Receber dinheiro ou não, isso é detalhe. Agora, o discurso, a sua posição na sociedade, como você espelha e inspira as pessoas, com você organiza as pessoas, a lógica, a lógica que você segue – isso é o fundamental.

Dirigente de banco comunitário

Washes

O capitalismo sempre se renovou na base dos *greenwash*, dos *pinkwash*, do *blackwash*¹⁰. A gente está nisso. É o que eu estou vendo na própria agenda do GIFE [sobre democratização e desconcentração da filantropia], mas sem nenhuma base material. Aí você esvazia essa agenda. Esses *washes* também são muito corrosivos, muito tóxicos. Precisamos estar alertas.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Veja este dado: 1% das pessoas mais ricas do mundo emitem mais carbono do que outros 80% (a população mais pobre). Esse 1% é de onde está saindo uma boa parte do dinheiro da filantropia e da filantropia climática. Até que ponto é só *greenwashing* mesmo? Porque eles são os mesmos que estão nas áreas de tecnologia vendendo soluções para o clima, que é para onde o dinheiro vai acabar indo.

Representante de organização filantrópica internacional

10. Formas de “apropriação”, somente para fins de marketing e gestão de reputação, dos discursos e pautas relativos a meio ambiente e sustentabilidade, gênero, orientação sexual e raça. A expressão *wash* alude à ideia de “lavagem” (como em *lavagem de dinheiro*).

A reputação

A reputação no meio filantrópico, do investimento social privado, pesa muito, pesa muito em qualquer lugar hoje em dia, com as mídias sociais. Fazer menos controle do recurso que vai para a ponta, menos controle no sentido de facilitar o acesso ao recurso, pode no limite levar a coisas assim como um escândalo no território.

Dirigente de organização filantrópica

Mudança de humor

O velho problema das “mudanças de humor” do capital privado. De quanto em quanto tempo os conselhos vão mudando de ideia?

Investidor social



Distorções – as agendas pop

Há agendas mais pop [populares, badaladas]. Quem doa também quer estar na crista da onda, ser mais moderno e tal. E muitas vezes também a sociedade civil não consegue se organizar a ponto de fazer algum nível de pressão. Como desdobramento, a gente percebe que existem organizações que recebem de todos os financiadores. Há organizações financiadoras que querem estar com as maiores e melhores. Então você fortalece quem já está muito bem. Não se retira o mérito das organizações que fazem bem feito, mas muitas vezes há um grupo de movimentos, organizações que não conseguem acessar. Então, será que não seria legal ter um percentual do orçamento para inovação também, para quem tem ideias mas não está conseguindo realizar? Tem muita gente esquecida, muita organização esquecida. Você olha muitas vezes os portfólios e pensa: “Nossa, que coincidência, aquela organização está ali de novo, de novo, de novo...”. O financiador não corre tantos riscos estando com as maiores e melhores. “Me diga quem já está financiando?” Isso, muitas vezes, já é a passagem de uma organização para a próxima etapa da seleção, um passaporte para a próxima etapa. Creio que quem financia tem de assumir mais riscos, tem de inovar nesse sentido também. É até um compromisso ético com a causa.

Consultora do terceiro setor

Desconcentração, democratização

Temos um dilema: como financiar as grandes mas ao mesmo tempo diversificar. Não cabe no mesmo dinheiro a robustez e a diversidade.

Dirigente de organização filantrópica

Eu não acho surpreendente que você tenha uma maior parte de associações com nada de recurso – porque há zilhões de associações e às vezes mais organização que gente. Por exemplo, um mesmo grupo de três pessoas pode representar cinco associações. Então você tem umas quatro, cinco organizações e são as mesmas duas ou três pessoas. Dizem: “o dinheiro não está indo para as pequenas”. Mas é óbvio que não. Se o dinheiro estivesse nas pequenas, elas não seriam pequenas, elas seriam grandes.

Dirigente de organização filantrópica

Há no terceiro setor uma concentração – grandes ONGs captam recursos e as pequenas morrem, com as médias chegando nos mesmos lugares sempre. E a organização média não atua bem, as grandes também não por serem grandes e tudo segue sendo do mesmo jeito. É necessária uma redistribuição dentro do próprio terceiro setor para fortalecer o ecossistema e não pegar tudo para si.

Investidor social

Qual é a tese? A gente deveria pulverizar o recurso igualmente [para um conjunto de organizações]? Em vez de um financiador apoiar, por exemplo, 100 organizações com um ticket médio de 200 mil, deveria fazer 1.000 doações de 20 mil reais? Acho muito difícil sustentar isso como visão de papel da filantropia ou de visão do movimento. Penso que tem que ter outros tipos de mecanismo. Não se vai avançar o campo com 100 organizações operando 100 mil reais; é importante que você tenha 10 organizações operando mais de um milhão de reais. Eu desafiaria a visão de uma equalização absoluta de distribuição de recursos na base. Agora, criar mecanismos de acesso a recurso para pequenos grupos é fundamental. É preciso ter mecanismos assim, é preciso ter provavelmente o papel de intermediários, o papel de organizações locais que possam criar mecanismos de pequenas doações com processos muito simplificados de acesso, de doação, de acompanhamento.

Dirigente de organização filantrópica

O poder da filantropia

[O dinheiro da filantropia] é algo que se controla (no caso dos financiadores), se maneja (no caso dos oficiais de programa) e não se controla (no caso da sociedade civil).

Representante de organização filantrópica internacional

[O dinheiro da filantropia] é essa coisa que as organizações da sociedade civil dependem, mas não controlam; enquanto os financiadores controlam e não dependem.

Dirigente de organização filantrópica

O “poder do guarda”

Conheci tempo atrás, em Pernambuco, um termo que é o *poder do guarda*. Alguém vira para você e fala assim: “guarda aqui esse prato de comida”. Aí você incorpora o poder do guarda e, de repente, se torna o próprio dono do prato de comida. Ou alguém fala: “guarda aqui esse pedaço de terra”, e você se torna o próprio latifundiário.

Quilombola e liderança de organização da sociedade civil

É absurdo o poder que os financiadores têm para definir quanto dinheiro deve ir ou vai para a sociedade civil. Eles não vão correr risco, nem conversar vão.

Representante de organização filantrópica internacional

Como impedir que essa relação de poder do financiador com a sociedade civil não capture a agenda? Temos um mandato que é expressão de uma família com capital e poder, uma concepção particular de poucas pessoas de como o mundo deve ser. Como isso pode cooptar ou não os movimentos sociais? É possível não cooptar, sendo que os movimentos dependem desse recurso?

Representante de organização filantrópica internacional

Nós, que atuamos com a alocação de recursos e decidimos como distribuir, somos colocados num local de poder muito louco. Tentamos fazer isso de maneira cuidadosa para minimizar esse poder.

Representante de organização filantrópica internacional

A filantropia precisa enfrentar os problemas que nenhum doador internacional vai resolver. A comunidade precisa ter seus mecanismos de tomada de decisão fortalecidos, maduros e respeitados.

Dirigente de organização filantrópica

A ideia de que as fundações têm recurso e poder e sabem quais são as melhores soluções e os melhores caminhos (e, no máximo, vão encontrar organizações que deem vazão às suas próprias estratégias) explica muito do investimento fundacional. Mas esse não é o único caminho possível. Existem outros caminhos que reconhecem a capacidade das organizações, que reconhecem que as fundações *não têm* as melhores respostas. Apesar disso, também não se trata de simplesmente dar um recurso e a melhor coisa que a fundação faz é não se meter. Acho que há espaços em que as fundações estão em um lugar estratégico e podem apoiar e ajudar muito as organizações. E ainda existe muita resistência [por parte das OSCs] porque a realidade dominante é de jogo de poder, de dominação. Claro, você não retira essa dimensão de poder de nenhuma forma. Mas encontrar esse lugar do financiador de provocar reflexões que a organização precisa, de uma certa perturbação externa para a organização sair de algumas inércias, por exemplo, é bem importante. Agora, para que isso seja exercido, precisa haver uma relação de confiança. E a construção de relação de confiança é algo bastante complexo, dadas as assimetrias e os lugares de poder. Este é um desafio na relação entre financiadores e financiadas.

Dirigente de organização filantrópica

É preciso entender nossa própria insignificância: estamos falando sobre a ótica de quem não tem dinheiro e não tem poder. A filantropia só existe porque há acúmulo.

Representante de organização filantrópica internacional

Poder de fomentar ou desenvolver um campo

Vimos organizações que nasceram pra fazer uma coisa, mas faziam cinco outras, porque vários financiadores deixaram de apoiar certos temas. Ao mesmo tempo, a filantropia constrói campos: por exemplo, o combate à desinformação. Por outro lado também desfaz. Também vimos organizações do mesmo campo competindo entre si porque os financiadores avançam ou recuam em seus investimentos. Alguns só buscam “organizações robustas que fazem mudança”, havendo então maior propensão a apoiar organizações maiores do que movimentos populares. Isso molda o campo terrivelmente.

Representante de organização filantrópica internacional

[Atenção para] a responsabilidade das organizações financiadoras quando elas mudam o seu enfoque de agenda. É muito duro [quando saem de uma agenda]. Como é que diz para a organização da sociedade civil, de forma convincente, de que aquela agenda não tem mais sentido quando teve por tanto tempo? Então não temos mais problemas com a agenda? Uma possibilidade [de realizar a saída] é criar um fundo como legado; deixar um fundo, que outras organizações irão construir e costurar com outras organizações, e seguir, deixando pelo menos esse recurso.

Consultora do terceiro setor

Quem influencia é quem tem o dinheiro. Se o financiador quiser dar dinheiro para outra coisa, a gente tem que se adequar a isso... Há jogos, você diz que está fazendo uma coisa e está fazendo outra, mas na prática você vai acabar fazendo o que o financiador quer.

Representante de organização filantrópica internacional

Há parcerias que acabam direcionando todo mundo para um campo e deixando muita gente de fora. Articulações às vezes valem mais do que o próprio recurso doado.

Dirigente de organização filantrópica

Os financiadores fazem a leitura de contexto, entendem que existem algumas causas e agendas que são relevantes e mapeiam as organizações que já estão fazendo algo. E dão visibilidade, sem dúvida nenhuma, dão visibilidade a essas causas e agendas, e quando começam a fomentar, eles fortalecem o campo. Mas eu não acho que eles criem o campo. O campo já está ali, os movimentos já estão atuando à sua maneira, e o que os financiadores fazem é fortalecer o campo.

Consultora do terceiro setor

Conexões e influência

Acho que quem dá a linha são as influências, as conexões de quem tem as informações de como chegar, como acessar. O fluxo é entre as pessoas, não acho que são organizações. Se muda a pessoa que está a frente de um fundo, mudam as relações. Então, na verdade, a palavra é *relações*.

Representante de organização filantrópica internacional



O poder de definir salário

Uma questão clássica é equipe. Eu me lembro que havia organizações financiadoras que não bancavam salário no passado, não pagavam salário! Você tem que buscar um financiador só para salário, mas se não tem gente para fazer isso, como faz?

Consultora do terceiro setor

O poder de controlar o salário dos outros: há financiadores que questionam os salários, as porcentagens, um valor pequeno em relação a tudo o que é feito.

Dirigente de organização filantrópica

O paradoxo do acesso proibitivo

Esta é uma experiência que todos nós, que trabalhamos com o que chamam de organização de base, sempre vivenciamos: exigências que não cabem e que acabam às vezes impactando em retrabalho ou, na pior das hipóteses, em julgamento. Eu já vi políticas públicas, desenvolvidas nas últimas décadas nos governos chamados de esquerda, que são muito aclamadas e que distribuíram bastante recurso, mas que acabaram colocando muitas organizações (com, às vezes, três, quatro, cinco décadas de existência)

na posição de inadimplente, por não conseguirem prestar contas, embora, até onde se saiba, terem usado o recurso naquilo que cabia. É um contrassenso você criar mecanismos para que haja acesso e depois a organização não poder acessar mais porque o mecanismo acabou se tornando proibitivo.

Quilombola e liderança de organização da sociedade civil

O *minigrant*¹¹ e seu impacto

Um pouco de recurso que chegue até a ponta já pode gerar um enorme impacto. A questão é que a filantropia institucional grande que está no GIFE não está conseguindo chegar.

Gestor de organização filantrópica

Quanto menor a organização, mais mágica faz com a grana. Organizações internacionais grandes não entregam nada perto do volume de recursos, a máquina é muito cara e o que chega para a atividade é mínimo. Nas pequenas, tudo é atividade, não fica nada na máquina. Daria para traçar vários paralelos.

Representante de organização filantrópica internacional

11. Refere-se à doação de pequenos recursos.

Era um encontro em que a organização financiadora divulgava os resultados de microdoações. Exibiram vídeos etc: 15 mil reais para cada iniciativa comunitária. A gente estava num espaço, com *coffee break*, um evento lindo: certamente só o encontro equivalia a três ou quatro micropjetos. Isso é você lidar pobremente para enfrentar a pobreza. Eu saí com a boca amarga, confesso.

Consultora do terceiro setor

O papel das organizações filantrópicas: doador *versus* executor

No Gráfico 1, é possível ver como se aproxima o percentual de organizações do GIFE essencialmente financiadoras do percentual daquelas que são essencialmente executoras. Podemos olhar esse dado com um certo otimismo. O campo é mais executor? É, ele é mais executor. Mas quando a gente vê o essencialmente financiador aumentou consideravelmente. E mais: muitas organizações são híbridas, doam e executam.

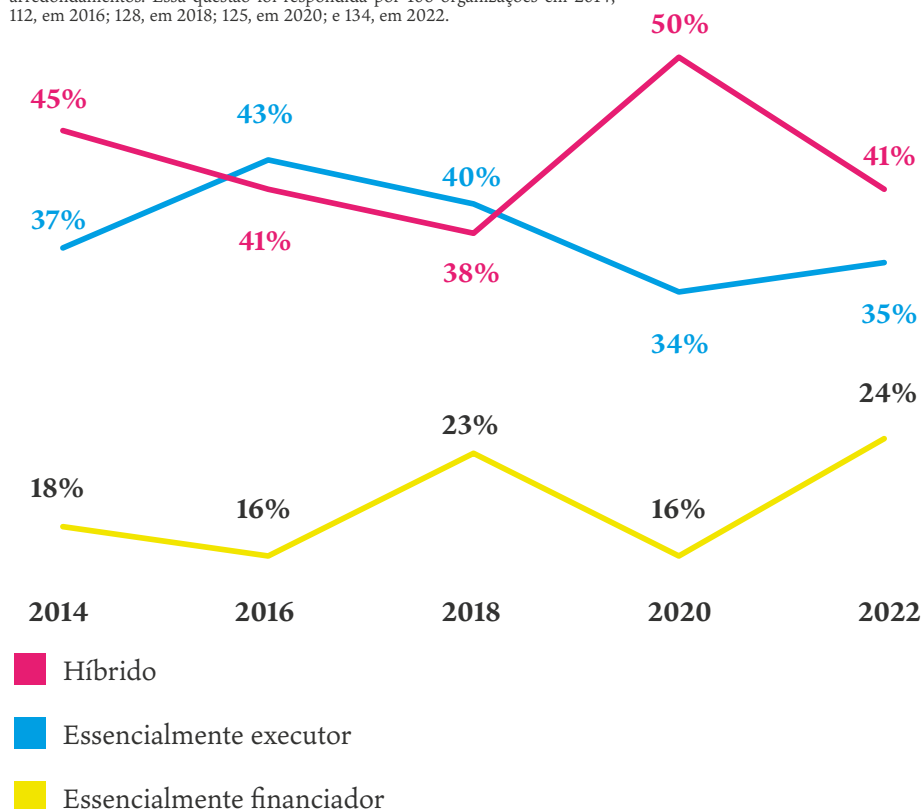
Dirigente de organização filantrópica

Gráfico 1

Organizações por tipo de atuação, considerando mais de 90% dos recursos executados ou repassados, 2014-2022

Fonte: Censo Gife 2022-2023 (2023)

Nota do gráfico original: A somatória do gráfico pode não ser 100% devido a arredondamentos. Essa questão foi respondida por 106 organizações em 2014; 112, em 2016; 128, em 2018; 125, em 2020; e 134, em 2022.



Comentário nosso: No alto, a linha rosa indica a predominância das organizações afiliadas ao GIFE que são “híbridas” no que se refere à forma de aplicação dos recursos (ao mesmo tempo, financiam/doam recursos e executam projetos próprios). A linha azul mostra o percentual de atuação essencialmente executora das afiliadas. A linha em amarelo, na parte de baixo, representa a proporção das organizações que são essencialmente financiadoras/doadoras). As posições relativas continuam as mesmas desde 2014. Há uma inflexão generalizada em 2020 em razão da pandemia e subsequente estabilização em 2022. No comparativo 2014-2022, destaca-se um aumento significativo do papel “essencialmente financiador”, de 18% para 24%, e uma ligeira queda do “essencialmente executor”, de 37% para 35%.

O repasse a terceiros vem aumentando no GIFE. Mas, ao mesmo tempo, esse aumento está muito ligado à entrada maciça de organizações da filantropia independente para o GIFE, que é o que fez, de alguma forma, a virada de chave. Essa associação poderia ser vista como uma ação de incidência, mas não é, porque, na verdade, se eles quisessem realmente fazer uma incidência para doar mais, fariam uma parceria com as independentes de outra forma. A entrada desses membros é um pouco para desbalancear essas curvas.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

[Considerando o Gráfico 2] Seria muito bom que, ao invés de 37% de doadores, tivéssemos, talvez, 60%. Mas tem um ponto. O que é o barato do GIFE? É voluntário, são recursos voluntários; então, há um grau de autonomia importante aí. A segunda coisa é que também é bom para o investimento social privado não colocar todas as apostas na mesma cesta. Por ter executor não é ruim.

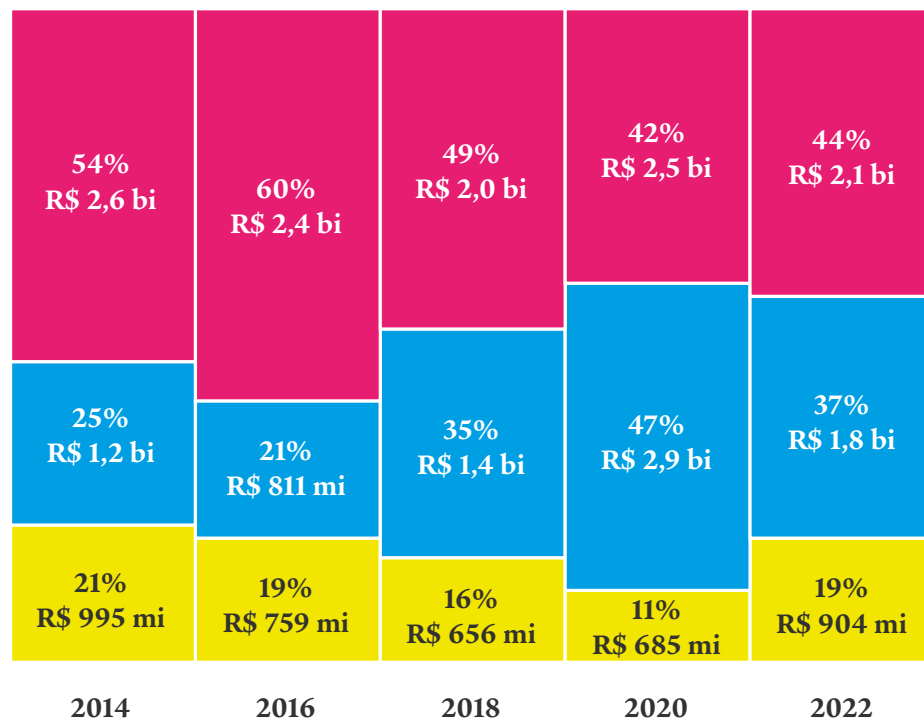
Dirigente de organização filantrópica

Gráfico 2

Investimento total, por tipo de alocação orçamentária, 2014-2022

Fonte: Censo Gife 2022-2023 (2023)

Nota do gráfico original: Em 2014, não foi informada a alocação orçamentária de 32 milhões de reais, e, em 2020, de 1,3 milhão de reais. Valores corrigidos pelo IPCA.

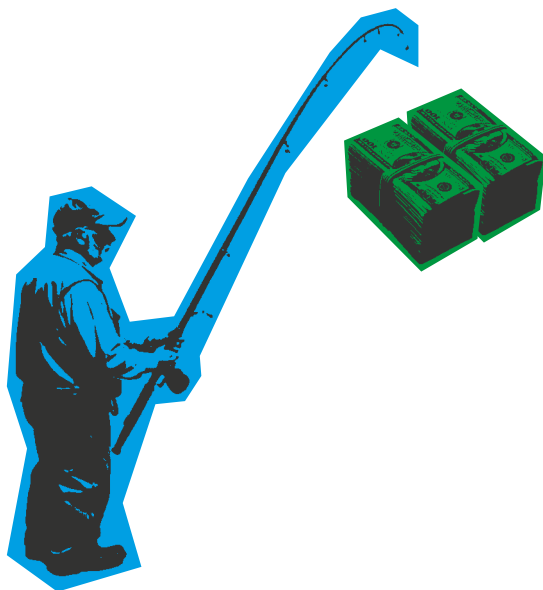


- Iniciativas próprias
- Iniciativas ou gestão de terceiros
- Despesas operacionais e administrativas

Comentário nosso: As áreas em rosa mostram o volume e percentual de iniciativas próprias das organizações afiliadas ao GIFE, isto é, que operam o seu próprio investimento social. As áreas em azul mostram volume e percentual de investimento em iniciativas de terceiros (em geral, OSCs), ou que estão sob gestão de terceiros. As áreas em amarelo indicam a proporção dos recursos destinados às despesas operacionais e administrativas das próprias organizações do GIFE. Em 2022, 137 organizações (de um total de 167 afiliadas) participaram do levantamento.

[Sobre o Gráfico 2] Muitas vezes há um questionamento sobre as executoras, ou seja, organizações que tomam para si o papel que possivelmente a sociedade civil faria melhor, devido à sua capacidade de estar junto à realidade e às demandas da sociedade em diferentes áreas do país. Contudo, quando uma executora assume, também pode fazer um impacto super legal. Tenho menos simpatia por essa opção, confesso. Mas não tem uma resposta tipo “bom ou ruim”, isso precisa ser qualificado. Não pode inflar [o recurso da autoexecução], acho que deveria ter realmente um teto. Mas o que está aí dentro é o que mais me interessa.

Consultora do terceiro setor



Marcos Kisil dizia que existe uma total interdependência [entre doador e executor] porque as organizações que têm o dinheiro usualmente não têm a capacidade de implementar. Claro, elas têm o seu plano estratégico, sua intencionalidade de impacto e tudo mais, mas seu papel não é implementar. Quem está na base, quem conhece a realidade no território é quem pode melhor fazer isso. Então, nós, sem essas organizações ou esses movimentos, não somos nada, somos somente organizações com uma promessa de valor. Quem acessa o recurso tem o poder de fazer, tem o poder da transformação. Se a gente não reconhece esses dois papéis, a gente corre um grande risco de as relações se desgastarem. A filantropia, na medida em que a gente consegue entender esse fluxo entre o investimento social e as organizações, mais potencial tem.

Tudo isso precisa ser colocado sob reflexão, porque senão a gente acaba tendo uma relação muito hierarquizada de prestação de serviços, que fere a perspectiva da real filantropia. Uma reflexão sobre a importância do diálogo e da troca, de compartilhar, não de pedir permissão. É essencial dialogar para as duas partes poderem aprender e aportar melhor para o processo.

Consultora do terceiro setor

O papel executor

[Análise sobre o Gráfico 2] O olhar retrospectivo desde 2014 aponta para o que eu diria ser uma tradição no setor. Então, tipicamente, o mais comum é um instituto empresarial atuar em educação, com projetos em torno da planta da empresa. Essa tradição vem desde o final dos anos 90, começo dos 2000. Então, eu até talvez possa olhar esses 42%, 44% de iniciativas próprias e perceber que a gente está num processo de mudança.

Gestor de organização filantrópica

[Análise sobre o Gráfico 2] Dizemos: seria muito melhor se os caras doassem mais e ficassem com menos, executassem menos. No plano estratégico do GIFE, a gente tem um objetivo estratégico inteiro que é para o fortalecimento de OSCs, politicamente o GIFE está super alinhado com isso. Queremos mais *grantmakers*, precisa equilibrar mais, precisa doar mais. Mas, quando a gente pensa em fazer uma campanha para os institutos e fundações serem menos executores, terem menos equipe etc, vem a pergunta: o que fazer com as organizações que têm quase 100 pessoas, 120 pessoas, a gente fala o quê para as lideranças delas? Demite aí 60 pessoas, 50 pessoas, que você vai ter mais resultado? Falamos de ideias, mas lá há pessoas recebendo, trabalhando, também.

Dirigente de organização filantrópica

O papel doador

[Considerando o Gráfico 2] O que me chama atenção é a linha de apoios a organizações. Tem um monte de coisa aí dentro, junta coisas que são muito diferentes. Ainda que esse número reflita, de fato, repasse de dinheiro, as categorias de repasse são muito diferentes. Aí pode ter contrato disfarçado de doação. E pode ter um apoio institucional, flexível, etc. Tudo isso está dentro do mesmo saco. Penso que, sinceramente, 37% não é o ideal, mas acho que é um valor significativo, mas é menos bom do que parece: esconde coisas ali dentro que não são aquilo que se possa chamar de *grantmaking*.

Dirigente de organização filantrópica

O que está dentro de doação é uma questão interessante de ser aprofundada, de criar uma tipologia sobre isso. Porque acho que esses tipos de recursos produzem efeitos muito diferentes, ainda que todos eles sejam um recurso saindo de fundação e indo para ONG.

Dirigente de organização filantrópica

O baixo percentual de doação institucional

Uma coisa é falar “vou doar para você fazer isso, executar essas atividades, responder a esses objetivos e me reportar sobre esses indicadores”. Isso é uma doação. Outra coisa é falar dizer: “eu quero apoiar você nos seus objetivos, naquilo que você definiu como prioridade, e você usa esse recurso como você quiser, e vou te apoiar por três anos”. As duas são doações, mas são muito diferentes. Esse segundo tipo de doação é ainda mais raro.

Dirigente de organização filantrópica

Os desafios da gestão – custos administrativos e o seu significado

[Sobre o volume investido em Despesas Administrativas e Operacionais conforme Gráfico 2]
É espantoso esse número! É um retrato da disposição sobre qual é a prioridade -- manter a sua imagem e se perpetuar ou botar dinheiro no campo? Uma financiadora X, por exemplo, tem 70 pessoas, é gigante e opera o mesmo recurso que a financiadora Y, que tem no Brasil seis pessoas. O que a financiadora X se propõe a ser? A financiadora X quer ser um ator no campo e quer influenciar, a financiadora Y não. Isso explica porque tem tanta gente lá.

Representante de organização filantrópica internacional

[A filantropia brasileira] tem grandes estruturas, que absorvem muito e que implicam muitos custos, custos que poderiam ser reduzidos se ela doasse esse dinheiro, por exemplo, para os fundos independentes.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

A filantropia diz que quer financiar projeto mas sem *overhead*¹², e aí quem tem mais paga menos *overhead*.

Investidor social

Uma alternativa possível para lidar com os desafios de ocupação dos espaços de maneira qualificada é ter assessorias fortes por trás dos movimentos. Não estou falando de assessoria branca, estou falando de assessoria que possa apoiar a organização, senão a gente fica lá só dependendo da liderança para tudo e é preciso ter equipe!

Representante de organização filantrópica internacional

12. A “taxa de administração” ou a parcela dos recursos destinada a cobrir os custos administrativos e operacionais da organização.

Note que as organizações executoras de projetos próprios têm um custeio administrativo maior do que as organizações doadoras (que, via de regra, têm equipes mais enxutas).

Dirigente de organização filantrópica

Dizem que o número mágico seria 80% para o campo e 20% para si. Ninguém consegue fazer isso no Brasil, só as grandes. Não é um enigma: consiste em pagamento de pessoal, benefícios, atividades, seminários, impostos, logística, estrutura física, etc. São escolhas.

Dirigente de organização filantrópica



A esfinge do *overhead*

O parâmetro global para isso é, de fato, 20%. Mas esse olhar sobre despesas operacionais oculta muita coisa. É um tema importante, mas cheio de armadilhas. Em geral, um dos indicadores é de quanto mais baixo o seu *overhead*, melhor. Mas aí, tempos atrás, um dirigente da Fundação Ford publicou um artigo bem importante, dizendo: vamos parar de ficar olhando para o *overhead*.

Por que eu estou falando isso? Penso que a gente tem poucos mecanismos de comparação de *overhead*. Mas, muitas vezes, as fundações olham para ele com um viés de ineficiência, ou de que tem alguma coisa errada. Ora, a organização não pode ter mais do que x%, e aí cada um inventa o seu percentual e isso vira um fator de negociação com as organizações. Então, você não pode gastar mais do que x% em *overhead*, só que, no fundo, organizações de natureza distintas têm mesmo *overheads* distintos.

Por exemplo, para uma organização de pesquisa, pode ter 70% do orçamento em salário. E o que isso significa? Nada. Se se trata de uma organização que distribui cesta básica, eu posso ter uma operação hiper-eficiente, com *overhead* de 6%, uma vez que recebe, aloca, é uma operação só. O que isso significa? Nada. Para mim o que é importante? Que se consiga demonstrar com clareza quanto dinheiro fica para dentro e quanto dinheiro vai para fora.

Dirigente de organização filantrópica

É um dilema que todas as organizações, em todos os níveis, vivem. Da mesma maneira que quem financia vive, quem executa vive. Por que quem executa pode ter uma fatia maior e quem financia tão menor? Nesse sentido, eu não sou tão rigorosa, desde que a estrutura das organizações, de fato, agreguem valor ao campo. Por exemplo, que a equipe programática esteja com as organizações, que esteja aportando, ajudando, que haja espaços também de fortalecimento institucional... Tudo depende do resultado do trabalho dessa equipe junto ao campo. Há, sim, organizações que estão infladas, um monte com poucas (ou muitas) pessoas ganhando muito e que se tornam um paquiderme da burocracia. Aí é muito caro. Se você tem uma organização que – com este mesmo percentual – está fazendo coisas que fazem uma diferença com seus *grantees*¹³, eu não vejo que necessariamente seja um problema.

Consultora do terceiro setor

Fala-se dessa questão de forma muito genérica, essa crítica de que as fundações ficam com 20% do recurso. E daí? Isso pode revelar uma fundação que tem uma atuação péssima e uma fundação que tem uma atuação muito boa. E as duas com 19% de custos operacionais.

Dirigente de organização filantrópica

13. Os que recebem as doações.

Se eu for fazer um acompanhamento in loco de todos os projetos, com visitas a cada dois meses, interação muito próxima, eu preciso dobrar minha equipe. O meu custo operacional vai aumentar. Se eu quiser reduzir a minha equipe e o custo operacional, em vez de fazer 100 doações por ano, eu faço 40 doações por ano, aumento o *ticket* de crédito, e faço um tipo de monitoramento bem mais distante, com apoios institucionais. Eu consigo fazer isso com uma equipe de quatro pessoas, e com um custo operacional bem menor. Agora, é melhor isso, ou é pior? Eu estou agregando mais valor para o campo, ou estou agregando menos valor para o campo? Essa é a reflexão que as fundações têm de fazer, sobre o tipo de fundação que ela quer ser.

Dirigente de organização filantrópica

Os quadros da filantropia

Penso que os gestores do terceiro setor, do investimento social privado, muitos, inclusive, têm medo de fazer a mudança. Sabe aquela coisa de que ao invés de passar o ônus de dizer não para o filantropo ou para a empresa, esse ônus já fica com ele? Do tipo: *nem vou fazer, porque não vão gostar*. Esses gestores mexem menos, empurram menos do que poderiam empurrar – e muitas vezes o filantropo diz assim “Ok, manda ver, manda ver”. Mas o gestor fica com esse pensamento pequeno, de que não dá para fazer diferente.

Dirigente de organização filantrópica

O que eu escuto [dos financiadores] é: “Nós captamos recursos também...” Esse é o efeito cascata. Os financiadores têm de gerar o maior nível de transparência possível porque também são cobrados. O processo se reproduz, muitas vezes, desde lá, a origem. Há as financiadoras nacionais e as internacionais. Muitas vezes, as internacionais estão cristalizadas; pensaram o modelo [de gestão e prestação de contas] e não o adaptam para a realidade institucional.

Consultora do terceiro setor

A composição dos quadros

As coisas são mais confusas dentro da filantropia do que parecem: tem gente mais ou menos, não tem lideranças foda, e isso cascadeia para baixo, para as ações.

Representante de organização filantrópica internacional

Percebo que muitos processos só acontecem porque estão na mão de alguns indivíduos. Na maioria das vezes, não é que não tenha dinheiro, é que a galera lá de cima das fundações é muito ruim, eles podem decidir quanto de dinheiro está disponível e rola uma baita de uma irresponsabilidade.

Representante de organização filantrópica internacional

Vejo nosso trabalho como uma tradução de linguagens que tenta compreender o campo, e mediar a conversa para viabilizar o acesso aos recursos. Nós fazemos recomendações para doação, o trabalho é de assessoria, e aí construímos toda uma argumentação ligada à estratégia criada lá for a. E ainda temos de escutar que eles são decoloniais. Mas é balela! Nós é que tentamos fazer isso.

Representante de organização filantrópica internacional

É importante analisar a composição dessas equipes [dos financiadores]. As equipes, na verdade, são todas brancas. E, ainda o poder de decisão está na mão de homens brancos. Estou falando do investimento social privado. As mulheres sempre ocupam um lugar de cuidado, da intermediação. Mas as decisões são tomadas por homens brancos.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

A vaidade é muito presente no terceiro setor, todos querem ser protagonistas da solução, e a concorrência é perversa.

Representante de organização filantrópica internacional



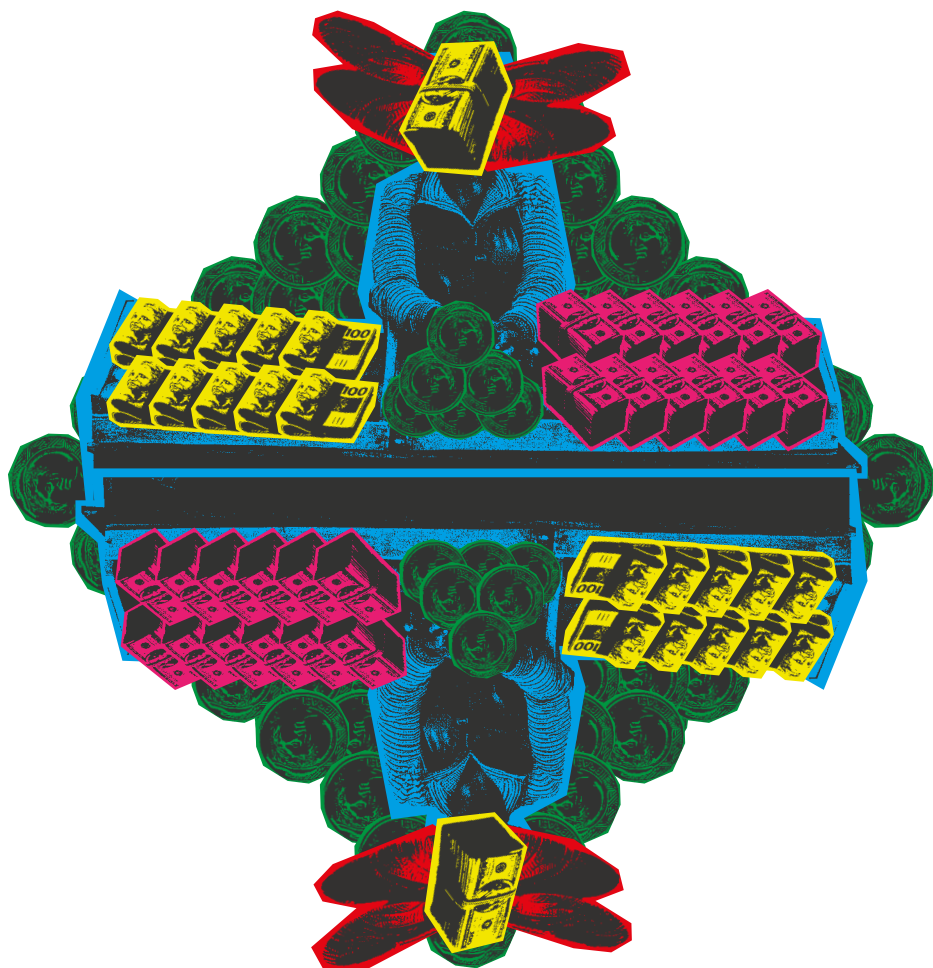
Sugestão para diminuir o gasto de energia

Neste momento, estou fazendo várias auditorias (para financiadores diferentes). Por que as organizações não se juntam, não colocam recurso para fazer uma auditoria que sirva para tudo? Fica-se muito egocentrado como organização financiadora. Como se o projeto [que está sendo financiado] fosse a organização, e não é.

Consultora do terceiro setor

E por que não pensar em modelos mais comuns para que as organizações se sintam mais à vontade? Há uma necessidade de fazer a discussão sobre o que é indicador de impacto, que é uma sofisticação, que quem financia quer cada vez e que muitas organizações não acessam ainda. Trata-se de uma inferência do resultado e você vem com essa lógica dos indicadores e as organizações entram em pânico. Em pânico. Em vez de o financiador fortalecer a capacidade da organização, você tensiona muito.

Consultora do terceiro setor



6. Fundos

Os fundos independentes ou comunitários passaram a ser a solução mágica para todos os problemas de distribuição ampla e equitativa dos recursos financeiros para o que se convencionou chamar de “ponta”. Porém, a ficha caiu: mágica não existe.

Introdução

1. Do ponto de vista da filantropia, uma das questões principais continua sendo: *como fazer o dinheiro chegar na ponta*. Isso porque 1) o dinheiro não chega; 2) quando chega, é pouco; 3) quando chega, chega de forma torta. O diagnóstico é seguido, então, por uma série de tentativas de correção de rota nos instrumentos de apoio e financiamento. O *grantmaking* encontra *regranters*¹⁴, *minigranters*, organizações-meio, intermediários etc para dar conta desse desafio.

14. *Regranter* é a organização que recebe uma grande doação e a distribui, em parcelas menores, a um conjunto de outras organizações.

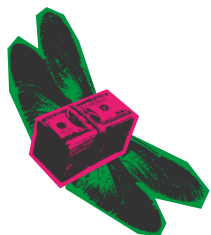
2. Do ponto de vista das organizações da sociedade civil, *como fazer o dinheiro chegar na ponta* também é um debate essencial. O diagnóstico é de que as organizações doadoras tradicionais operam por modelos, vieses e enquadramentos conceituais que impedem o dinheiro de alcançar destinação adequada. Critérios e condições de acesso e distribuição de recursos pela filantropia são colocados em xeque.

3. Tanto de um lado (a filantropia) quanto de outro (as OSCs), os *fundos* são considerados hoje uma bela alternativa. Tudo indica que os fundos vieram para ficar.

4. Independência é a palavra-chave. Nem tanto a expressão *escassez de dinheiro*. O que importa é que os critérios, a arquitetura dos fluxos, os procedimentos de gestão sejam reelaborados a partir da própria sociedade civil; isto é, não mais exógenos, mas vindos de dentro, concebidos desde o coração das próprias OSCs, segundo seus propósitos, costumes e modos de funcionar.

5. A ascensão dos fundos está produzindo uma mudança no ecossistema da filantropia e tem embaralhado os lugares. Há contradições e efeitos colaterais verificados. Começam a se amontoar os questionamentos.

6. O debate está quente e desafiador, como se verá a seguir. A “*hashtag* do momento” começa a perder a aura de solução universal. E a idealização cede lugar à batalha de todo dia.



As opiniões

Você assume a sua incapacidade de fazer uma boa gestão a partir dos centros urbanos, e você diz: “meu, uma possibilidade são organizações-meio!”. Apelar para uma organização-meio é uma estratégia interessante da filantropia, porque ela não vai chegar no território.

Dirigente de organização filantrópica

Talvez, realmente, as organizações-meio sejam melhores do que as fundações para fazer o recurso chegar. Mas esse é um superdebate, é um debate estratégico. Esse debate precisa ser feito.

Dirigente de organização filantrópica

A questão da independência

O financiamento [dos fundos comunitários] vem em prol dos próprios interesses [das comunidades]. Já o dinheiro público vai ter mais restrições. O dinheiro privado vai ter mais flexibilidade de uso, a depender das condições do próprio financiador, mas é um dinheiro que vem interessado.

Representante de organização da sociedade civil indigenista

[As organizações financiadoras independentes] têm independência, todas têm governanças independentes, o que permite justamente atuar em terrenos que são complexos. Essa condição permite independência de agendas, independência de atuação, independência de decisão. Claro que não estamos no mundo dos sonhos, porque todo mundo tem suas complexidades e as próprias governanças também são complexas. A independência aqui é no sentido de que essas organizações não têm outros interesses, digamos, para além dos interesses reais da sua missão. Isso permite justamente ter muito mais flexibilidade com relação ao que apoiar, a que causas apoiar.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Há um lado bom e um lado ruim. O lado ruim é que as organizações independentes precisam o tempo inteiro mobilizar recursos. E mobilizar recursos para doar é um desafio duplo, porque você precisa mobilizar para doar e também para bancar toda a própria infraestrutura. Então, a demanda é muito maior por recursos. E é isso o tempo inteiro: as organizações independentes têm de mobilizar recursos, mobilizar recursos, mobilizar recursos para doar. Por outro lado, essa independência implica que elas podem tomar decisões com muita mais liberdade, muito menos amarradas às estruturas institucionais do *establishment*.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Nas discussões em espaços internacionais, existe uma distinção clara de *regranters*, de *intermediary funds*¹⁵, de outros termos que indiquem um pouco esse papel de recebe-de-um lado-e-repassa-do-outro. A distinção não é pelo fato de serem independentes. Há, eu sei, uma disputa até política de não querer ser intermediário, de não querer ser re-nada, mas eu acho que tem uma certa força de barra. Nos Estados Unidos, quando se analisa as pesquisas sobre o campo fundacional, há as fundações corporativas (que são um percentual bem pequeno), as comunitárias e as independentes (o familiar é entendido como independente). No Brasil, tenta-se fazer mais essa distinção entre familiar e independente, e eu entendo a importância de se distinguir. Mas há todo um campo filantrópico que é independente e que não está representado como organização financiadora independente, e que reúne uma parte bem significativa dos recursos. Numa perspectiva histórica, há muitas dessas instituições familiares que vão ficando mais independentes conforme o tempo vai passando. Porque para ser independente hoje, basta que o fundador se distancie da estrutura de governança, né? Existe uma transitoriedade aí, por isso essa distinção é pouco fixa. [A noção] de “independente” virar um valor pode distorcer um pouco, pode ocultar todo um campo da filantropia.

Dirigente de organização filantrópica

15. Fundos intermediários: organizações que recebem recursos e os redistribuem.

A filantropia empresarial ainda responde ao tipo de dinâmica do investimento empresarial. E eu não vejo muita solução fora disso, a não ser quando uma empresa decide criar uma instituição, de fato, independente. Não vai levar a marca da empresa, não vai ter amarração na sua governança, vai ter um fundo independente. Existem situações assim, mas elas são raras, porque a empresa tem menos incentivos pra isso. Há mais incentivo quando o recurso é do indivíduo.

Dirigente de organização filantrópica

Filantropia *versus* fundos criados pela sociedade civil

[No caso dos fundos independentes] Atendemos às demandas ao invés de direcionar. Só faz sentido se for o que se demanda. A filantropia está direcionando, e não atendendo a demanda, quando cria esse monte de fundos. É um problema da própria filantropia que eles querem resolver: de chegar onde não se chega. A filantropia está criando uma barreira e disputa entre os próprios fundos.

Dirigente de organização filantrópica

Existe toda uma tecnologia, toda uma forma política, uma parceria com a sociedade civil para fazer chegar o dinheiro na ponta. Os atores locais, na verdade, têm capacidade de criar as soluções para os seus próprios problemas. Os fundos comunitários, os fundos temáticos, surgem muito vinculados a uma demanda da sociedade civil. Eles começam a surgir como uma forma de preencher um vácuo. A maioria dos fundos foram criados por ativistas do campo, se dando conta de uma falta e com capacidade de mobilizar a grande filantropia. Esses fundos se criam desde as bases. Claro que não são todos, mas temos muito esse movimento da própria sociedade civil, fundos que nascem dos movimentos porque os movimentos entendem que esse é um mecanismo importante para que o dinheiro possa chegar a eles. Mas, o que está acontecendo agora? O que a gente está vendo agora são alguns comportamentos um pouco esquisitos por parte da própria filantropia. É uma coisa inédita. São as grandes fundações criando fundos intermediários. Toda essa proliferação que vemos.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor



A grande filantropia está impulsionando a criação de fundos intermediários para poder chegar à sociedade civil. E chegar à sociedade civil sem pensar, por exemplo, na infraestrutura que já existe, que são os fundos que já existem. E, obviamente, isso tem muito a ver com uma estratégia de controle de poder, porque é muito mais fácil você ter poder sobre o fundo que você criou do que, na verdade, fazer uma parceria com um fundo que já existe.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Esse mecanismo da intermediação, que surge de uma forma mais imanente da própria sociedade civil, hoje está sendo [substituído por] uma solução *top-down* criada pela filantropia para chegar nas bases.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Você está criando um problema para o movimento, não está criando uma solução para o movimento. Porque até você saber fazer *grandmaking* – inclusive, imagina, o próprio movimento fazendo *grandmaking* – você cria conflitos internos. Então, a gente está vendo mais um complicador. Complicador, porque, na verdade, o dinheiro está sendo colocado de uma forma completamente equivocada e irresponsável.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

A moda

Há essa onda de criar fundos, criar fundos, todo mundo falando disso, e começa a entrar uma outra onda de as filantropias grandes quererem contratar só pessoas indígenas e quilombolas. É ótimo, mas aí a gente deveria só investir nisso? Porque se a filantropia grandona tivesse mais pessoas indígenas e quilombolas negras nos lugares de decisão do dinheiro, provavelmente a gente não teria de criar tantos fundos intermediários, seriam pensadas lógicas que talvez fossem mais eficientes pra chegar nos territórios indígenas e quilombolas.

Representante de organização filantrópica internacional

Fui numa reunião de uma rede de fundos, e quase caí para trás, porque eram seis ou sete fundos operando num mesmo território, completamente perdidos nesse universo, obviamente querendo fazer bem, a gente querendo que esses fundos funcionem, porque, obviamente, para nós, o fracasso de um fundo independente é um fracasso do campo. Mas, ao mesmo tempo, havia certas complexidades que não estavam colocadas para esses fundos de uma forma nítida e transparente.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

A gente estaria produzindo mais inovações em vez de replicar um modelo precarizado de *grantmaking* em que as grandes se desincumbem, as grandes ficam com menos risco, com menos problema e menos trabalho... E é onde está a maior parte do dinheiro, né?

Representante de organização filantrópica internacional

O apoio aos fundos intermediários ou aos fundos comunitários produz uma estrutura muito mais complexa de atuação. Então, a fundação grande faz um apoio pra um fundo, e o fundo vai fazer 100 apoios numa chamada. Tudo se torna mais complexo e com muito mais precariedade. Os salários [das equipes da fundação grande e dos fundos comunitários] são incomparáveis; a estrutura e tudo o mais, idem.

Representante de organização filantrópica internacional

Criamos um conjunto de *regranters* para canalizar esses novos recursos. E o que está emergindo como a melhor solução são os fundos. Mas isso também tem delicadezas. A filantropia fica fomentando isso, e aí vira moda, a *hashtag* do momento.

Representante de organização filantrópica internacional

A gente está vivendo um momento de entender a diferença de papéis. No caso da fundação financiadora, a gente não quer perder a relação com o movimento, ao colocar um parceiro como um Fundo para trabalhar junto. A gente quer seguir tendo uma relação com o movimento, a ponto de logo ali na frente, eventualmente, se o movimento constituir seu fundo próprio e passar a ter maior capacidade de gestão de recursos, a gente poder fazer esse aporte ali também. Mas a gente vê que existe um papel para o Fundo e, às vezes, os próprios atores estão tendo muita dificuldade de leitura neste momento. Porque o Fundo pode estar se sentindo usado pela fundação financiadora; o movimento pode estar se sentindo usado pelo Fundo, que está acessando um dinheiro maior agora; a fundação financiadora fica se sentindo escanteada, porque não pode mais ter relação direta com o movimento... Então é muito difícil fazer essa construção. Seria muito mais fácil fazer uma doação grandona para o Fundo e dizer “tá aí agora; toca aí”, e ir distanciando esse financiador que tem mais dinheiro, que circula em outros lugares, dos movimentos sociais. Então, realmente, aí o Fundo vira um intermediário, no sentido de estar no meio, e eu acho que esse Fundo, por exemplo, não se entende como um intermediário... Mas quais são as práticas que quem está ali fazendo essa operação precisa ter para não ser visto e percebido como um intermediário? Essa é uma conversa super importante de ser feita, à medida que os fundos intermediários vão se tornando cada vez mais relevantes.

Representante de organização filantrópica internacional

Eu vejo que alguns financiadores estão indo nessa linha de só fazer apoio a fundos intermediários, apoios grandes e tal, e dar a eles liberdade. É uma estratégia, né? Mas é uma estratégia de mais dinheiro nessa coisa de burocracia, de máquina. No entanto, só mandar o dinheiro direto também, dependendo do tipo do financiador, quebra. Então é importante ter intermediários locais ou agentes locais que vão fazer esse meio de campo.

Representante de organização filantrópica internacional

O problema da confiança

Temos ainda esse grande problema que é a falta de confiança. Por isso a criação desses mecanismos intermediários, que hoje estão pipocando.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor



Relações de poder

Eu vou descentralizar o poder, descentralizar essa escolha sobre os apoios para uma organização que está mais próxima da realidade. Isso é um esforço de descentralização de poder. Só que você recria uma dinâmica de poder na relação desses intermediários com quem vai receber o recurso. É o que os fundos independentes não podem negligenciar. Eles também estabelecem uma relação de poder com os apoiados. É diferente? Talvez seja diferente. Mas, fundamentalmente, é a mesma relação.

Dirigente de organização filantrópica

Gosto bastante dos fundos comunitários como alternativas de autonomia da decisão. Mas eles também ficam impondo temáticas, restringindo.

Representante de organização da sociedade civil indigenista



Temos de ter um olhar menos condescendente sobre essa relação. Os fundos independentes tiveram um papel de produzir uma problematização fundamental para o campo e colocar uma série de questões, de agendas, de questionamentos. Só que, ao fazer isso, eles negligenciam também o lugar de poder que eles próprios ocupam. Eles foram muito eloquentes na crítica à filantropia. Mas acho que foram muito condescendentes e pouco críticos sobre o seu próprio papel. E em escutas que a gente tem feito com organizações, a percepção é muito diferente da percepção que os próprios fundos se autoprojetam. Eles têm um papel muito central. Mas eu acho que, para qualificar inclusive esse papel, a gente precisa falar mais abertamente sobre isso. E falar sobre as práticas. Para não cair em retórica. Existem algumas retóricas que não ajudam. O fato de serem organizações que emergem do campo da sociedade civil, com uma vinculação maior com movimentos, com uma narrativa mais próxima, não elimina a relação de poder em que eles estão inseridos. Não elimina também um olhar sobre as práticas. Como que os fundos estão fazendo essas doações? Como são os processos de acesso a recursos? Como é o processo de monitoramento, com que tipo de parâmetros? Às vezes esses fundos impõem condições mais rígidas até do que o governo na hora de alocar recursos e prestar contas. Para a gente foi bastante surpreendente, porque toda a lógica seria a de reduzir exigências, reduzir imposição. As razões para isso podem estar em vários lugares. Essas organizações precisam prestar contas para os seus financiadores, elas precisam garantir um

monte de coisa; então precisa ter prestação de contas, nota fiscal e tal. Importante que a gente se permita falar sobre isso, sobre como fazer com que, de fato, essa função seja cumprida. Talvez haja um papel das fundações em estabelecer regras mais flexíveis na relação com esses fundos. E os fundos também olharem de forma mais franca e aberta para essas relações de poder que eles também estabelecem.

Dirigente de organização filantrópica

Democracia

Há uma questão de democracia nos fundos comunitários. Eu sempre vou lembrar da história de uma herdeira [que resolveu fazer doação de sua fortuna]. Ela disse: “Mas eu é que vou decidir para onde vai essa grana? Não. Eu vou criar um comitê, e um comitê que reflita a minha sociedade”. Então, convocou um monte de gente e criou um comitê que decide para onde vai o dinheiro. Ela achou isso mais democrático do que ela mesma fazer, e é. Mas democrático mesmo é o Estado fazer, ao fim e ao cabo, pela sua capilaridade, por ter o voto. Isso é democrático. Eu só digo isso porque os fundos comunitários são legais também, eu acho superlegais. Mas é sempre escolha de algumas pessoas para onde vai o recurso.

Dirigente de organização filantrópica

Conflitos internos e desvio de energia

O dinheiro para os indígenas não é a mesma coisa que o dinheiro para a gente. Os indígenas lidam de outra forma com o dinheiro. Isso não quer dizer que o dinheiro não tem que chegar. Mas, às vezes, você colocar dinheiro no meio, você cria um problema e não cria uma solução.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

E gera-se outro problema, que é a mobilização de recursos para essas organizações que não sabem mobilizar recursos. Você faz um trânsito da militância para a gestão de todo um processo e, além do mais, você precisa também aprender a mobilizar recursos. Aprender a mobilizar recursos, o que quer dizer ter contatos, saber falar a língua (tem que falar inglês, e essa é uma primeira trava, um primeiro obstáculo).

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Monetizar riqueza “tradicional” não-monetária

Talvez outras pessoas que trabalharam com fundos relatem a mesma coisa, mas num certo fundo indígena a gente percebeu isso: o que antes eram trabalhos muitas vezes não monetários passaram a ser monetarizados. O conhecedor tradicional que vai ensinar na comunidade; a cozinheira que vai trabalhar no mutirão; o *ajuri* que vai ser feito, um mutirão que vai ser feito na comunidade... Aí as pessoas passam a criar uma cultura de não querer participar se a participação não for paga. Isso é um problema grave. Acontece em todas as comunidades? Não. Depende da organização política da comunidade. De um lado, há essa questão de não monetarizar necessariamente todos os serviços, todos os trabalhos que são realizados; por outro lado, é interessante também o processo de reconhecimento da necessidade de pagar alguns trabalhos comunitários.

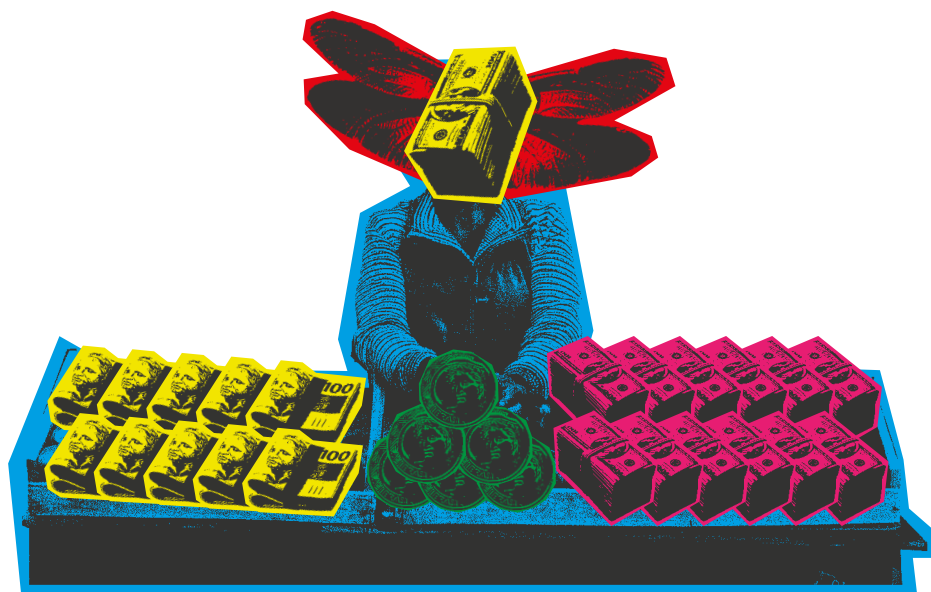
Representante de organização da sociedade civil indigenista

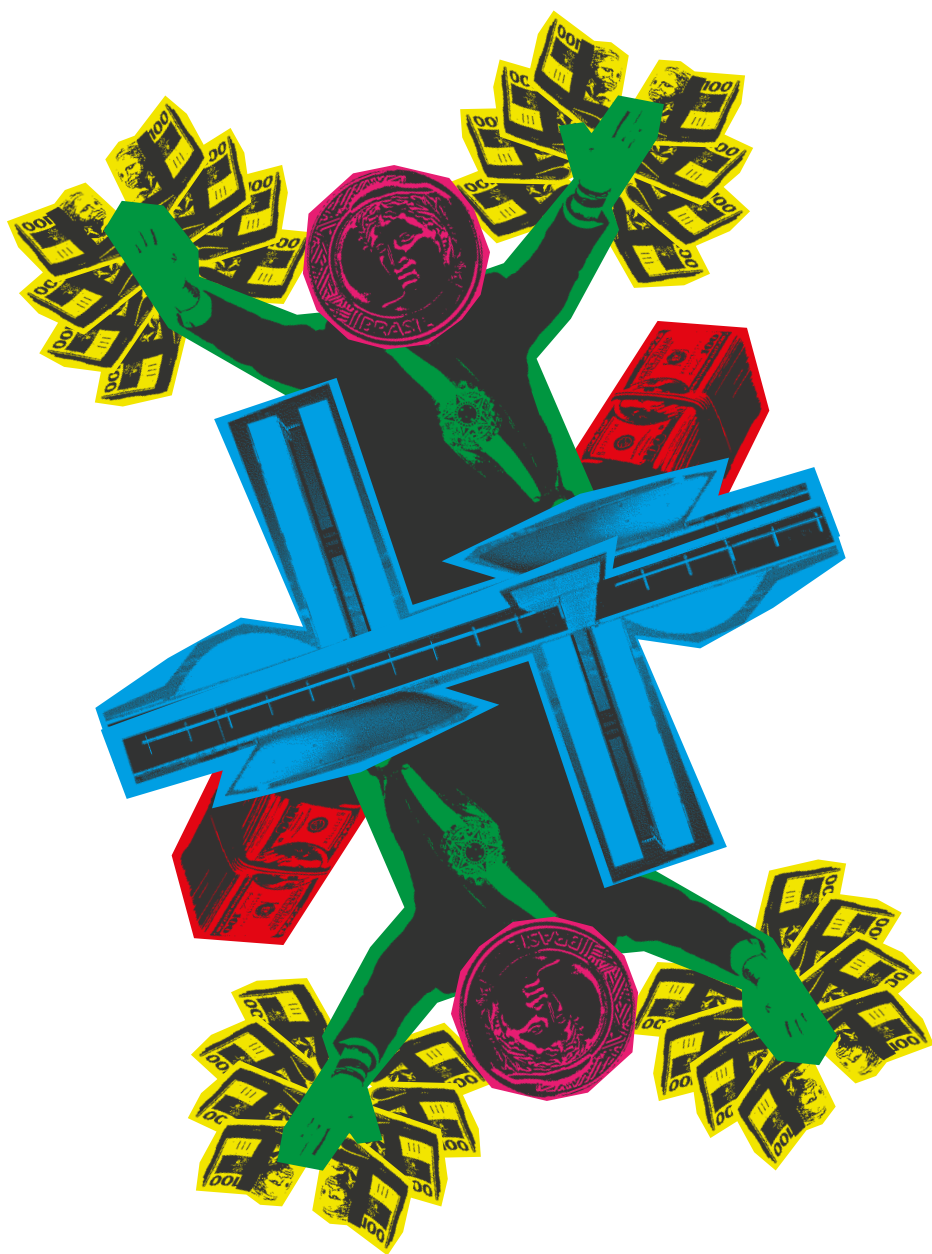


Perda de lideranças para a filantropia

Vira uma competição. As poucas pessoas que estão conseguindo fazer uma gestão de fundo comunitário, se recebem uma proposta de uma filantropia grande, que vai pagar cinco, às vezes dez vezes mais do que ela recebe, aí vão desmontar [o fundo]. Você dá um incentivo pra montar [o fundo] e o desmonta. Eu tenho falado para essas filantropias que têm me procurado para indicar os nomes de pessoas: há muitos nomes pra indicar, mas não seria melhor pensar num programa de formação de lideranças?

Representante de organização filantrópica internacional





7.

Os limites da filantropia e a política

O debate sobre dinheiro na sociedade civil esbarra no papel do Estado e na necessidade da ação política. Diante da crise climática e do fortalecimento do fascismo, tratar *desse* dinheiro tornou-se cada vez mais urgente.

Introdução

1. Num debate sobre o dinheiro no âmbito da sociedade civil, é impossível não falar do Estado. Por mais que, numa situação hipotética, a filantropia venha a tentar ou desejar promover o seu impacto irrigando o campo de recursos, por mais abundantes que sejam, ela não daria conta de tudo. Só o Estado seria capaz de universalizar os benefícios públicos, só o Estado teria alcance

e escala. É mais ou menos essa a visão das OSCs. Dela decorrem o interesse em estabelecer políticas *públicas*, marcos sólidos e estáveis, para a promoção de direitos e bem estar coletivo – *para todos*. De novo, o Estado aparece aí como o grande ator.

2. Por isso, também é impossível não falar de política, quando o assunto é dinheiro, recurso, capital ou riqueza. O debate sobre o financiamento da sociedade civil exige que a política, mais uma vez, esteja no centro estratégico da pauta, da interlocução e da agenda.

3. De um lado, a demanda é de que a filantropia passe a atuar mais fortemente como *player* político. De outro, ao contrário, a ideia é de que ela recuse protagonismo, deixando esse lugar para as organizações da sociedade civil. Numa outra perspectiva, sem polarização, o projeto é de fortalecimento do trabalho de articulação entre os atores em nome de uma incidência mais forte e mais capaz de resistir aos ataques da ultradireita e de preservar a democracia, que corre risco.

4. Em suma, o que já era de se esperar, o debate abaixo reflete o espírito dos tempos – e ocorre sob o signo da urgência.



As opiniões

Os limites da filantropia

A filantropia precisa da sociedade inteira para resolver um problema estrutural. É muita presunção da filantropia achar que vai resolver esse problema sozinha.

Representante de organização filantrópica internacional

A filantropia não vai chegar como a gente gostaria que chegasse, nem na Amazônia, nem nas periferias da grande cidade, porque não alcança. Não só pela quantidade ou volume de recursos, mas porque não conhece o território. É impossível. Pode apenas alcançar uma parte, sempre uma parte, e se cobrar mais do que isso, a gente vai ficar martelando, martelando, mas não vai dar conta.

Dirigente de organização filantrópica

A partir da ideia de impacto, a filantropia fica achando que pode fazer cada vez mais, inclusive interferir no governo. Quando na verdade é o contrário.

Dirigente de organização filantrópica

O dinheiro da filantropia que ajuda a sociedade a influenciar e construir políticas públicas, para daí alcançar maior número de pessoas, é melhor do que ter mais dinheiro da filantropia com a pretensão de alcançar todas as pessoas – porque isso não vai acontecer sem a estrutura do Estado. Eu não consigo não pensar no papel do Estado, e que partir das políticas públicas, por mais imperfeitas que sejam, é o melhor caminho.

Representante de organização filantrópica internacional

A filantropia quer e tem se colocado nesse lugar de investir nas soluções, e não na adaptação frente à crise [climática]. E isso me parece contraditório, porque se a gente pudesse colocar mais dinheiro – ainda que não seja de adaptação, mas de resiliência –, poderia manter um patamar de fôlego para o Estado poder fazer a grande parte da tarefa – e não [enveredar por] uma certa competição que não traz eficiência para nenhuma das apostas.

Representante de organização filantrópica internacional

Como convencer as pessoas de cobrar do Estado, num contexto geopolítico mesmo de descrença nas instituições? Isso faz com que haja um florescer, assim, [da opção] “*we hold the power*”¹⁶, só porque a gente está em contato com os bilionários, com o setor privado. É uma ilusão.

Representante de organização filantrópica internacional

Papel do Estado

Filantropia não é Estado. O Estado brasileiro tem, ou teria, a obrigação de apoiar as organizações da sociedade civil, ao contrário do que algumas pessoas acham. Sociedade civil forte significa democracia forte, um país melhor. Penso que poderia ter um arranjo de financiamento das organizações da sociedade civil e Estado também – sem prejudicar a autonomia das organizações.

Dirigente de organização filantrópica

16. “Nós detemos o poder”

Este é um debate enorme. De um lado, temos a sociedade civil e os financiadores dizendo que a gente não deve financiar as obrigações do Estado; que, quando a gente assume obrigações do Estado, a gente desonera o Estado, tira a responsabilidade do Estado de prestar assistência social, de prestar direito à cultura, de garantir todos os direitos existentes. E daí só se poderia financiar segurança alimentar, geração de renda e cultura, pois saúde e educação são papel do Estado. Sinceramente, eu fico, por vezes, em dúvida de como a gente deve se posicionar com relação a isso. Porque, primeiro, quando a gente pensa em povos e comunidades tradicionais, cultura e educação vão muito além do que o Estado oferece. O Estado, geralmente, é um certo matador da cultura tradicional por meio da educação formal, por meio da saúde formal. Eu não sei o quanto jogar a responsabilidade da educação para o Estado é melhor do que jogar para os Baniwa, por exemplo, porque os Baniwa estão fazendo um trabalho maravilhoso ali. Claramente, quem deveria pagar é o Estado. Mas, por que o Estado também não deveria pagar a proteção territorial? Isso não é papel dele? Segurança alimentar não é papel do Estado? Por que a gente fez essa divisão arbitrária sobre saúde e educação, só porque tem um teto constitucional? Por que a gente considera que uma coisa é papel do Estado e a outra, não?

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Tudo é papel do Estado, em última instância, que seja assegurar a garantia dos direitos. Agora, nesses territórios coletivos onde você tem uma co-gestão, inclusive jurídica, dos territórios, os territórios são de direito do Estado e dos povos, ambos cuidam da gestão territorial, ambos têm responsabilidade. Aí ficam nessa tentativa de dividir o que é responsabilidade dos povos e o que é responsabilidade do Estado, quando a grande questão no final é que *os povos não estão no Estado, o Estado não está em favor dos povos*, e a gente passa a ter que recorrer a projetos simplesmente como o último instrumento de sobrevivência e desenvolvimento (mais sobrevivência do que desenvolvimento).

Representante de organização da sociedade civil indigenista

Aspectos gerais da democratização do Estado

Um debate que não fazemos é sobre o bom uso do orçamento público. Nem sobre a escassez de mecanismos distributivos e do arcabouço institucional que temos no Brasil para fazer o dinheiro circular. Isso sem falar da questão das emendas parlamentares e a arbitrariedade das decisões nesse campo. Hoje há uma farra de emendas parlamentares que gera a transferência da decisão estratégica para a ação discricionária dos parlamentares.

Dirigente de organização da sociedade civil

Filantropia como *player*¹⁷ político

A filantropia tem um papel importante, pode ter um papel importante, se se colocar como *player*. Caso contrário, cada um vai fazer seu trabalhinho, todo mundo vai querer te conhecer, você vai ficar feliz. E é só.

Dirigente de organização filantrópica

Quem muda a realidade é a sociedade civil. A filantropia contribui com um recurso que catalisa alguns processos ou que reforça ou fortalece alguns processos. A filantropia tem de sair desse lugar protagonista.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

O investimento social privado faz *advocacy* com o poder público por meio de muitos projetos próprios. Se você, financiador, é a favor da democracia, se você é contra o racismo nesse país, então declare isso, porque a sua voz tem importância. Não fique tão *low profile* ou *no profile*¹⁸. Esse é um capital que a gente quer que seja usado na mobilização por um outro país.

Dirigente de organização filantrópica

17. Jogador, ator, agente com atuação significativa.

18. "De perfil baixo", isto é, discreto, ou invisível, sem aparecer...

Mas não seria melhor doar para que as ONGs fizessem esse *advocacy*? É, seria, os financiadores doam, mas eles são *players* e é legítimo, porque estão na arena pública. Como estão na arena pública, faz sentido para o país e para a democracia eles se posicionarem sobre qual é a sua visão de mundo.

Dirigente de organização filantrópica

Urgência da ação política

O que implica não apoiar a sociedade civil de periferia? O que implica deixar uma organização num território com 5 mil reais ou com nada de financiamento?¹⁹ Implica que efetivamente o território está completamente à mercê das milícias ou das igrejas. Porque a política odeia o vazio, ele é preenchido de alguma forma. O que a gente vê hoje é a retirada do campo progressista das periferias e dos territórios. No Rio, Lula perdeu em todas as favelas, menos em duas, na Maré e no Alemão. Isso está totalmente ligado a uma sociedade civil densa, uma malha de organizações da sociedade civil que fazem um trabalho territorial incrível. Daí a importância de apoio à sociedade civil nos territórios para fortalecer a democracia.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

19. Conferir a pesquisa *Filantropia e Periferias: as barreiras de acesso aos recursos no Brasil* (Iniciativa Pipa, 2023) que mostra grande número de organizações da periferia com orçamento anual de zero a 5 mil reais.

Uma pesquisa recente mostrou que a sociedade civil que mais está captando é a da direita conservadora.

Dirigente de organização filantrópica

Se o Brasil não começar a investir dinheiro diretamente nos territórios e nas comunidades, o campo progressista não vai ganhar a eleição de 2026.

Pesquisadora do financiamento no terceiro setor

Articulação política

Como navegamos nas contradições do campo? Precisamos nos abrir às contradições e subjetividades do campo, discutir sobre elas e não só nos unir na hora de lutar o contra o inimigo comum.

Dirigente de organização filantrópica

Nós, enquanto financiadores, fazemos muito pouco isso de olhar para estratégia de forma coletiva.

Dirigente de organização filantrópica

A agenda climática é a oportunidade de trabalharmos todos juntos.

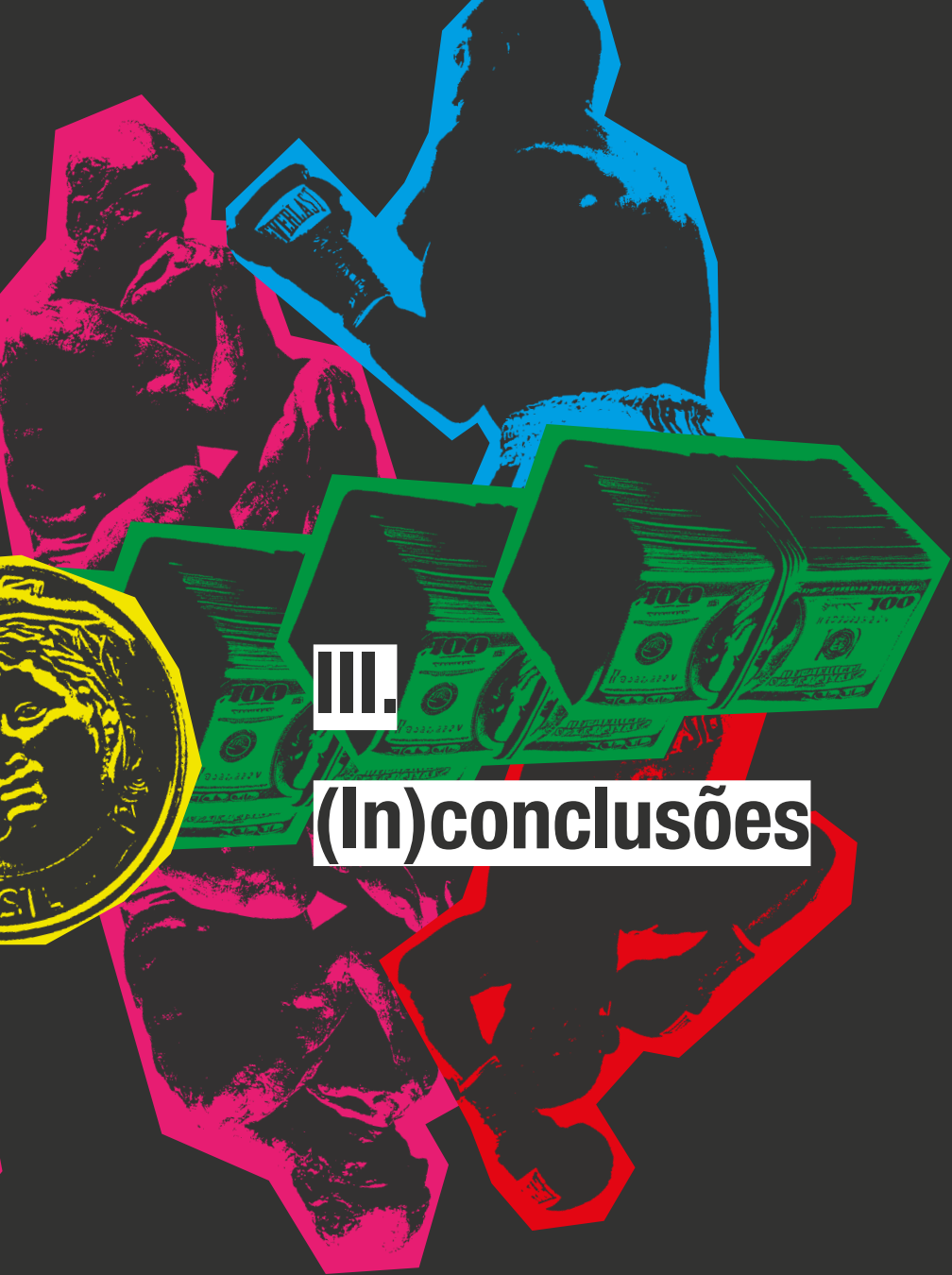
Dirigente de organização filantrópica

A necessidade da “profissionalização” da política

Na década de 2000, se falava muito da profissionalização do terceiro setor. A profissionalização do setor tem que ser a politização do setor – para pensar politicamente, para ter quadros que de alguma forma sejam quadros políticos, não quadros técnicos. Porque senão a gente cai numa tecnocracia. Aliás, a gente tem uma tecnocracia muito bem montada; o que é complexo, porque são pessoas preparadas, que podem estar aliados com o campo progressista, mas respondem aos interesses das grandes empresas ou da grande filantropia. Essa profissionalização do setor tem que ser qualificada; não é uma profissionalização para saber fazer teoria de mudança, planejamento estratégico, bonitos orçamentos em Excel ou apresentações no Canvas. A gente tem que ter profissionais comprometidos com determinadas agendas políticas.

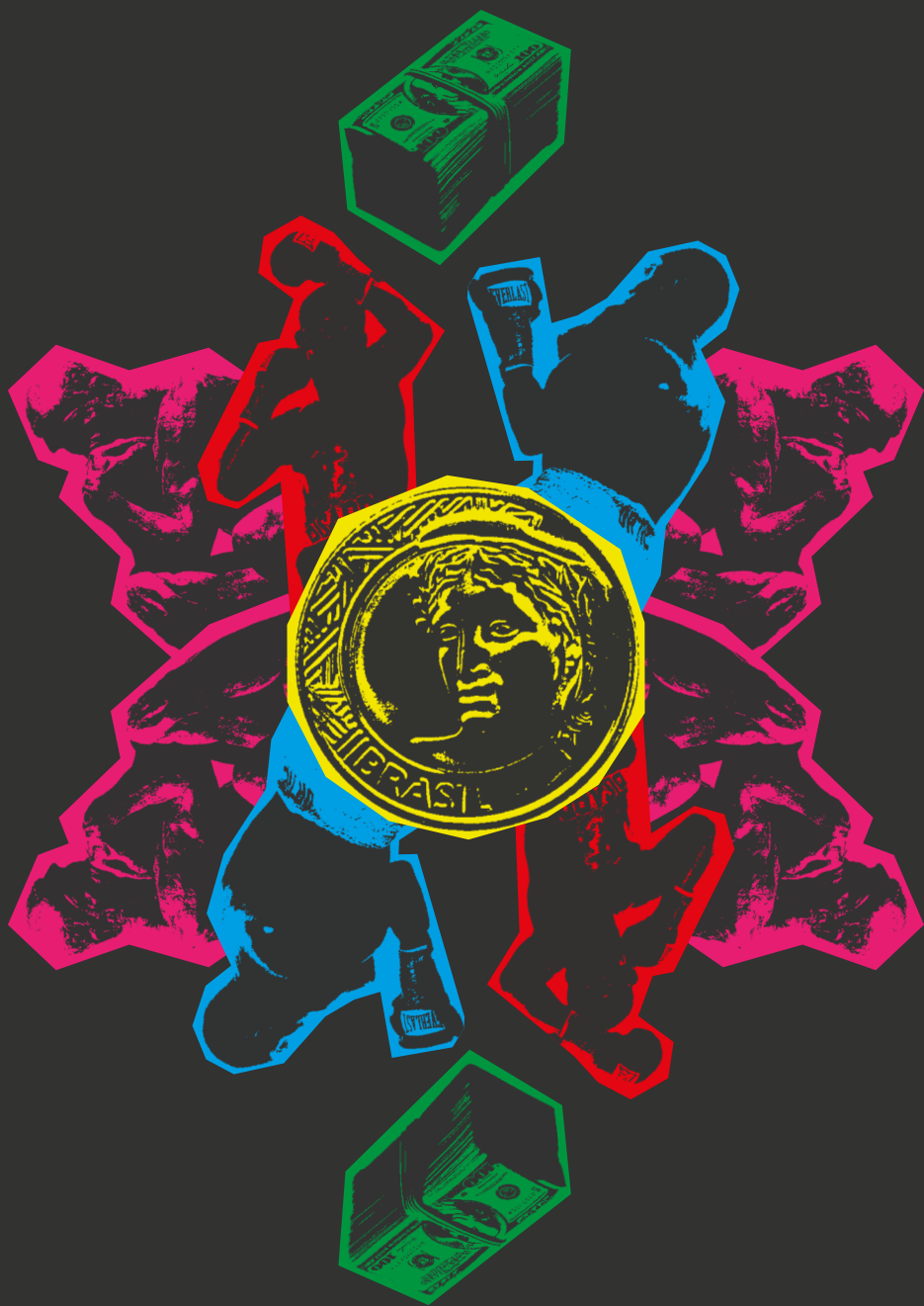
Pesquisadora do financiamento no terceiro setor





III.

(In)conclusões



8. Fricções

Mais indagações do que respostas, na expectativa de que pistas e *insights*, como fagulhas, possam advir do atrito das ideias.



Uma análise crítica do dinheiro deve partir de um pressuposto mínimo: ele não constitui algo *natural* do qual não se pode escapar. Muito menos essa análise deve estar circunscrita ao modo como o capitalismo vê e vive o dinheiro. Uma perspectiva decolonial do dinheiro – se quisermos adotá-la – não deveria partir de outras cosmovisões (indígenas e quilombolas, por exemplo) sobre o que é riqueza, fortuna e valor? Para começar, não seria ela uma perspectiva não-capitalista do dinheiro?

É possível adotar a noção de riqueza como distinta da noção (capitalista) de dinheiro. No limite, até pensar uma ideia de riqueza como *antagonista* à noção (capitalista) de dinheiro. Nessa perspectiva, o dinheiro seria mais gerador de *pobreza* do que de riqueza. Indígenas e quilombolas, contudo, não admitem como dada essa dicotomia e não *recusam* necessariamente o dinheiro: o dinheiro – este “papel triste” – é um *meio* de acessar, potencializar ou distribuir riqueza. É tão somente um *recurso* menor,

secundário, sem tanto *valor*; não consiste na riqueza em si. Esta se encontra provavelmente num outro lugar, que o dinheiro não acessa e o capitalismo não compra.



Considerar que dinheiro é *fantasia*, não significa desconsiderar seu lugar estratégico na sociedade capitalista – e sua relevância concreta na vida. O realismo da luta não pode ser impeditivo da visão crítica que aponta o caráter *irrealista* (ou ilusório) do dinheiro. Ser realista é também conseguir enxergar o irreal.



Se a filantropia é uma expressão da desigualdade estrutural da sociedade capitalista, se não há filantropia sem concentração, combater a desigualdade social e a concentração de riqueza implicaria *combater a filantropia*?

Se o que se busca é democratizar o poder e a riqueza, e a filantropia é entendida como uma forma de diminuir (ou mitigar) a concentração, isso implicaria a necessidade de *ampliar e fortalecer a filantropia*?

Se não há filantropia sem contradição, qual seria o ponto nevrálgico da ação: acirrar a contradição ou fazê-la implodir desde dentro?



A filantropia (não) deveria apoiar as iniciativas de incidência para acabar com a filantropia? As organizações da sociedade civil (não) deveriam atuar para acabar com a filantropia?



Quem está olhando para a filantropia, seja como ecossistema particular, seja como um subconjunto estratégico dentro do ecossistema maior da sociedade civil? Uma meia dúzia de atores, se tanto. A maior parte das OSCs têm se preocupado mais em saber *onde está o dinheiro e como obter financiamento* para seus projetos do que em debater politicamente o lugar e o papel da filantropia na sociedade. É pouco. É preciso colocar lentes de visão mais ampla.



Há maneiras de produzir riqueza gerando *menos* externalidades negativas como as do mercado? Há maneiras de produzir riqueza sem gerar externalidades negativas? Há maneiras de produzir riqueza gerando apenas externalidades positivas? Há maneiras de produzir riqueza para além do mercado?

O que está em jogo aqui é a concepção e implementação das formas de fazer o dinheiro fluir para regenerar, catalisar, produzir, emancipar, empoderar e transformar. E se não for propriamente o dinheiro, mas outro tipo de riqueza, o que está em jogo é a concepção e implementação das formas de fazer com que essa riqueza também atue para regenerar, catalisar, produzir, emancipar, empoderar e transformar.

A indagação que suplementa essa reflexão é: *O que a filantropia tem a ver com isso?*



Quanta externalidade o dinheiro da filantropia produz? Há um capítulo inteiro aqui sobre *os impactos do dinheiro*. Mas pouco se discute sobre os prejuízos diretos causados pela filantropia nas organizações. Por exemplo, o recurso desperdiçado pelas organizações em termos de tempo de trabalho, criatividade e energia da equipe *para conseguir dinheiro*. O desvio das pessoas de suas funções-chave políticas e operacionais para trabalhar com captação de recursos é uma externalidade. A perda da capacidade política das organizações em função disso é uma externalidade.

Esse cálculo quase nunca é feito. Pouco se pretendeu olhar para o *insucesso* das organizações nos editais e o quanto de dinheiro perdido esse insucesso representa. Só se vê a outra face: a quantidade de dinheiro recebido pelas organizações que tiveram *sucesso* – mas não o que foi perdido pelas organizações que não conseguiram acessar os recursos. A desorganização ou o desmantelamento de agendas e campos inteiros de atuação é outra terrível externalidade – e esse fenômeno também ainda não foi considerado e/ou devidamente anotado no registro das *perdas*.

A reflexão sobre o dinheiro da filantropia precisa incluir a natureza dessa externalidade – que não tem a ver só com o dinheiro “em si” mas com a prática da filantropia como se dá hoje. Talvez essa seja uma chave para comparar a filantropia com outras maneiras de “investimento social”.



Uma reflexão interessante é sobre o quanto o campo da filantropia está a serviço da sociedade civil e da sociedade como um todo. A questão é avaliar se esse serviço está sendo bem prestado: seu custo-benefício, sua eficiência, seus impactos, etc. Mas quem o fará? Quem precisa fazê-lo?

Uma segunda questão, mas não menos importante, é verificar o quanto a filantropia entende a si própria como pertencente ao campo da sociedade civil – ou não. Pode ser que a filantropia se veja como um segmento particular e singular da sociedade, ou como um subconjunto, um tanto excêntrico, do Mercado. O debate sobre essa pertinência pode ser meio *impertinente* – mas parece, mais do que nunca, essencial. É o pano de fundo da discussão sobre a atuação da filantropia como *player político*.

O que significa ser *player*, jogador? Qual é jogo que jogará o jogador? O que significa ser *player político*? Qual é o capital político a ser colocado no jogo? A quem pertence esse capital?



A legitimidade da filantropia se afirmaria em quais condições? Quem diz o que é legítimo e o que não é, qual iniciativa é legítima e qual não é, qual *modus operandi* é legítimo e qual não é? Neste momento, a paisagem parece ser a de uma terra-sem-lei, onde o dinheiro se autolegitima. E estabelece as regras.



O dinheiro não chega na ponta. O dinheiro precisa chegar na ponta, nas organizações de base, na base da sociedade. Esse parece ser um ponto pacífico entre os atores – da filantropia e das OSCs, até do Estado –, pelo menos no nível da (boa) intenção. Por que não chega? E o que deve ser feito para que o dinheiro chegue – e como?



Fundos comunitários, fundos temáticos, fundos independentes (quaisquer os adjetivos dados) tornaram-se uma espécie de panaceia para todos os males do financiamento da sociedade civil. “É a *hashtag* do momento”, alguém diz. A “novidade”, no entanto, é controversa. Para uns, os fundos resolvem uma demanda e abrem novos caminhos; para outros, são os doadores que empurram a pretensa solução para a sociedade civil. Os fundos operariam uma espécie de terceirização e precarização (mais uma vez) das OSCs, sendo que o controle e o poder continuariam nas mãos dos doadores. O novo modelo criaria ainda mais conflitos internos no campo e mais desvio de energia. Além disso, os fundos começam a reproduzir os velhos vícios da falta de transparência e de democracia.

A independência seria uma carta branca?, alguém pondera. O alerta soa. Ao que se pode contrapor outra pergunta: Haveria alternativa melhor do que a independência?



A pertinência do *minigrant* e a qualidade de seu impacto: nisso parece haver uma crença generalizada. A questão é: qual o impacto de um recurso pequeno? Recurso pequeno causa impacto pequeno? Se não há correlação direta entre essas duas variáveis, o que faria a diferença então no impacto? Quais outras riquezas estariam envolvidas aí? Qual a natureza desse mais-valor? Dedicção, compromisso, foco, engajamento? Quais casos podemos apresentar para corroborar a tese do mais-impacto? Quanto mais dinheiro, mais outras riquezas aportadas para gerar assim mais e mais impacto? Ou, ao contrário, haveria uma relação inversa: quanto mais dinheiro, menos outras riquezas?



O interesse em debater o dinheiro na/da/para a sociedade civil, para ter consequência, deve estender seus limites para realizar debates de outros tipos – pois o dinheiro que circula *aqui* é o mesmo que circula *lá* e em todos os lugares. Um debate sobre dinheiro (recursos) ou riqueza, de finalidade social, distributiva e emancipatória, poderia também tratar de: orçamento público, taxaço de grandes fortunas, impostos, renúncia fiscal, renda mínima universal, políticas distributivas (como Bolsa Família), emendas parlamentares, corrupção, austeridade fiscal, dívida pública, SUS, escala 4x3, tarifa zero etc. Bem como também de criptomoedas, *tokens*, NFTs. E mercado financeiro, capitais voláteis, fundos de investimento, *fintechs*, meios de pagamento, negócios de impacto, empresas sociais, *blended finance*. Poderia tratar de outros temas delicados e pautas contraintuitivas, como finanças climáticas, mercado de carbono, caridade, jogo do bicho, dinheiro do tráfico, lavagem de dinheiro, mercado de arte,

cavalos, garimpo, dízimo, bets. Sem esquecer de tópicos marginais como economia circular, consumo colaborativo, moeda social, bancos comunitários, distribuição direta de dinheiro, gratuidade, decrescimento e bem-viver.



A ação sobre o Estado. O *grande dinheiro* está aí. Parte desse *grande dinheiro* acaba sendo escoado para os cofres privados (num mecanismo clássico de alimentação da concentração), talvez irrigando até as fontes da própria filantropia. Esse dinheiro deveria ir para outro lugar. No debate sobre dinheiro da/na/para a sociedade civil, pouco se fala do orçamento público, dos recursos de custeio e de investimento do Estado. Tratar desse dinheiro confere contexto e propósito ao trato do nosso dinheiro.



1 por amor, 2 por dinheiro, 3 pela África,
4 pros parceiro
Que estão na guerra sem medo de errar
Quem quiser falar só Deus pode julgar
10 cadeira numa mesa de mármore
10 nego em volta falando assim
Mil pra você, mil pra mim (o que?)
Mil pra você, mil pra mim (tem mais?)
Mil pra você, mil pra mim (e o meu?)
Mil pra você, mil pra mim

Racionais MC's 2000.

**Metodologia, coordenação geral,
textos e edição**

Cássio Martinho

Luciana Ferreira

Marília Guarita

Design e produção gráfica

Mariana Zito

Vinicius Marciano

Ilustrações

Mariana Zito

Realização

Instituto Incube



